

Diego Afonso Ribeiro

**A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA DE ATOS 2,42-47:  
inspiração para a prática cristã atual**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientadora: Prof. Msc. Silvia Regina  
Nunes da Rosa Togneri.

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da  
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

RIBEIRO, Diego Afonso

A experiência comunitária de *Atos* 2,42-47:  
inspiração para a prática cristã atual / Diego Afonso Ribeiro;  
orientadora, Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri –  
Florianópolis, SC, 2019.

92 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Santa  
Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências:

1. Teologia. 2. *Atos* dos Apóstolos. 3. Comunidades

Diego Afonso Ribeiro

**A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA DE ATOS 2,42-47:  
inspiração para a prática cristã atual**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 28 de junho de 2019.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientadora

---

Prof. Me. Siro Manoel de Oliveira  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Prof. Me. Celso Loraschi  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador



Este trabalho é dedicado a você,  
familiar ou amigo que contribuiu  
muito na minha caminhada  
vocacional.



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me chamou e me conduz à santidade.

À Diocese de Joinville.

Aos seminaristas e padres que participam de minha formação sacerdotal.

À professora Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri, pela acolhida desta proposta e condução de seu desenvolvimento.

Aos meus familiares e amigos por me apoiarem sempre com muito amor.





“Oh! Quão bom e quão suave  
é que os irmãos vivam em união!”  
(Salmos 133,1)



## RESUMO

Esta pesquisa de caráter bibliográfico recorre ao livro dos *Atos dos Apóstolos* como fonte inspiradora de atitudes, de posturas, e estilo de vida que iluminem a caminhada de fé atual. Destacando-se o sumário lucano de *Atos* 2,42-47, ao apresentar a prática de comunhão fraterna, orações, ensinamentos dos apóstolos e fração do pão como ação evangelizadora dos apóstolos e discípulos de Jesus, demonstra-se a experiência comunitária da primeira Igreja de Jerusalém como inspiração para a prática cristã atual. Para isso descreve-se o contexto do livro dos *Atos dos Apóstolos*, considerando a intenção de seu autor, estrutura e os destinatários da obra. Também o contexto socioeconômico, religioso e político no qual a comunidade se encontra. Em seguida, busca-se identificar através da perícopé as relações dos primeiros cristãos enquanto comunidade. Por fim, apresenta-se a experiência das primeiras comunidades cristãs como fundamento das comunidades atuais contextualizando-se as comunidades de hoje através de suas características culturais e religiosas. Demonstra-se assim a caminhada realizada no início da fé cristã, principalmente na Igreja de Jerusalém que, com seus valores e ensinamentos cultivados, inspiram o agir cristão nas Igrejas do tempo atual.

**Palavras-chave:** *Atos dos Apóstolos*. Cristianismo. Comunidade.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estrutura literário-temática do livro <i>Atos dos Apóstolos</i> .....	p. 29.
Quadro 2: Texto em grego da perícopre <i>Atos 2,42-47</i> e sua tradução literal.....	p. 89.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At – Atos dos Apóstolos  
Cl – Colossenses  
Cor – Coríntios  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
Dap. – Documento de Aparecida  
Doc. – Documento  
d.C – Depois de Cristo  
DV - *Dei Verbum*  
Ef – Efésios  
EG – *Evangelii Gaudium*  
Fl – Filipenses  
Gl – Gálatas  
Jo – Evangelho segundo João  
Lc – Evangelho segundo Lucas  
Rm – Romanos  
Tm – Timóteo  
VD – *Verbum Domini*

*Padrão:* As abreviaturas dos livros estão padronizadas conforme a *Bíblia de Jerusalém*, cuja referência completa consta ao final deste trabalho.





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>1 OBRA LUCANA, FONTES E CONTEXTOS</b> .....	<b>23</b>
1.1 IDENTIDADE E CREDENCIAL DO AUTOR .....	24
1.2 DESTINATÁRIOS E FINALIDADE DO LIVRO DE <i>ATOS</i> .....	26
1.3 COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA DOS <i>ATOS</i> .....	28
1.4 SOCIEDADE E CONTEXTO CULTURAL .....	31
<b>1.4.1 Contexto socioeconômico</b> .....	<b>31</b>
<b>1.4.2 Contexto religioso</b> .....	<b>32</b>
<b>1.4.3 Contexto político</b> .....	<b>35</b>
1.5 COMUNIDADE DE JERUSALÉM .....	36
<b>2 A COMUNIDADE IDEAL EM <i>ATOS DOS APÓSTOLOS</i></b> .....	<b>39</b>
2.1 PERÍCOPE <i>ATOS</i> 2,42-47 .....	39
<b>2.1.1 Ensino dos Apóstolos</b> .....	<b>41</b>
<b>2.1.2 Comunhão fraterna</b> .....	<b>46</b>
<b>2.1.3 Fração do pão</b> .....	<b>47</b>
<b>2.1.4 As orações</b> .....	<b>51</b>
<b>3 A VIDA CRISTÃ COMUNITÁRIA NAS IGREJAS ATUAIS</b> ....	<b>55</b>
3.1 AS COMUNIDADES MODERNAS E SEUS DESAFIOS .....	56
3.2 EXORTAÇÃO DO MAGISTÉRIO DA IGREJA PARA A VIDA EM COMUNIDADE.....	60
3.3 ENSINO DOS APÓSTOLOS HOJE .....	64
3.4 FRAÇÃO DO PÃO .....	67
3.5 A PALAVRA TORNA-SE COMUNIDADE ORANTE .....	69
3.6 A COMUNHÃO FRATERNA CRISTÃ .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>87</b>
<b>APÊNDICE A – Quadro 2</b> .....	<b>91</b>



## INTRODUÇÃO

A leitura bíblica é fonte de espiritualidade e comunicação do sagrado aos cristãos que se dispõem a experimentar a Palavra de Deus. No Novo Testamento conhece-se a vida de Jesus e seus ensinamentos, assim como as primeiras ações dos discípulos (as) e seguidores (as) do Mestre constituindo as bases cristãs.

Costuma-se destacar nos primeiros passos do Cristianismo as grandes formulações doutrinárias, o sinal do pão, os martírios, as primeiras comunidades e o papel das mulheres no início da Igreja. No entanto, todos estes desenvolvimentos foram possíveis devido à acolhida, compreensão e fidelidade à Palavra de Deus, sobretudo, a vivência comunitária dos ensinamentos evangélicos. Estas vivências, por sua vez, ainda podem contribuir na atual vida comunitária cristã cercada de desafios?

Com o propósito de responder a este questionamento a presente pesquisa busca demonstrar a experiência comunitária de *Atos 2,42-47* como inspiração para a prática cristã atual. Recorrer ao exemplo desta comunidade, através do texto de Lucas, muito pode contribuir para a evangelização e o anúncio do Evangelho mais eficaz na vida cristã atual.

A abordagem da prática cristã dos primeiros seguidores de Jesus, à luz do relato de *Atos dos Apóstolos*, se dará através da pesquisa de caráter bibliográfico, ou seja, procurará explicar a temática a partir de diversas publicações e documentos da Igreja. Conhecendo e analisando as contribuições existentes sobre o assunto, a pesquisa divide-se em três capítulos de forma a conduzir o leitor ao aprofundamento do tema.

O primeiro capítulo consiste em descrever o contexto do livro dos *Atos dos Apóstolos*, considerando a intenção de seu autor, estrutura e os destinatários da obra. Para isso, se utilizará principalmente das obras de Comblin, Fabris e Brown, renomados autores do estudo bíblico. Descreve-se ainda o contexto socioeconômico, religioso e político no qual a comunidade de Jerusalém está inserida. Somente após este conhecimento e contextualização será possível destacar e extrair com mais eficiência os ensinamentos contidos no texto sagrado.

Em seguida, no segundo capítulo, busca-se identificar através da perícopes dos *Atos dos Apóstolos 2,42-47* as relações dos primeiros cristãos enquanto comunidade. Será identificado como os cristãos organizavam sua vida comunitária e espiritualidade, pois o texto abordado distingue-se ao relatar um núcleo de pessoas, unidas pelo

anúncio da Palavra, apresentando-as como modelo ideal de comunidade cristã.

Por fim, após análise da perícopes, o capítulo terceiro apresenta a experiência das primeiras comunidades cristãs como fundamento das comunidades atuais. Uma comunidade é essencial para o desenvolvimento de uma pessoa, isto vale também para o âmbito eclesial. Por isso, esta etapa da pesquisa contextualiza as comunidades de hoje através de suas características culturais e religiosas, ressaltando os desafios da pluralidade religiosa, o subjetivismo e o individualismo da prática cristã que aos poucos se enraizaram na sociedade.

Certamente as primeiras comunidades seguidoras de Jesus podem conter ensinamentos para a espiritualidade cristã atual, destacando como ação evangelizadora a prática de comunhão fraterna, das orações, dos ensinamentos dos apóstolos e a fração do pão. Por isso, apresenta-se esta prática dos primeiros cristãos como proposta de inspiração e renovação para as comunidades atuais. Com a caminhada realizada no início da fé cristã, principalmente na Igreja de Jerusalém, foram cultivados valores e ensinamentos que inspiram o agir cristão nas Igrejas do tempo atual; é necessário retomar ou favorecer a prática destes valores.

Atualmente encontram-se aspectos semelhantes à época da Igreja nascente; mesmo após muitos séculos ainda é evidente o desafio do anúncio evangélico em um ambiente urbano, marcado pelo pluralismo religioso e com diferenças sociais tão enraizadas. Com os autores Brighenti, Catão e Reinert afirma-se a importância de toda comunidade vivenciar e transmitir os valores cristãos dos primeiros crentes, sem perder o sentido e missão dada pelo próprio Senhor.

Essa é a exortação do magistério da Igreja, que através dos bispos e do papa retomam a importância destes valores, motivando sua prática e aperfeiçoamento, constatado principalmente nos documentos *Evangelii Gaudium*, *Evangelii Nuntiandi* e *Verbum Domini*. Presentes também nas orientações dos bispos do Brasil através das *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil (Doc. 102)* e *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia (Doc. 100)*.

Diante disso, inspirados no modo evangélico dos primeiros cristãos, constata-se que a Igreja hoje pode ser um espaço para a realização da vocação cristã, uma comunidade diferenciada da sociedade ao favorecer a dimensão de amor mútuo e a fé em Jesus. De fato, a comunidade cristã de ontem e de hoje, é chamada a viver a mesma vida de Cristo, no Espírito de Deus. Fiéis aos ensinamentos da origem cristã, todos são chamados a praticar um Cristianismo aberto,

acolhedor e inculturado. Para isso, é essencial que os homens e mulheres que formam a comunidade cristã atual, ao conhecer a prática cristã primitiva, possam avaliar a ação pastoral e espiritual que exercem em seu contexto eclesial.



## 1 OBRA LUCANA, FONTES E CONTEXTOS

A vida da Igreja e dos cristãos fundamenta-se na Sagrada Escritura. Nela está expresso “o mistério de Deus que Se comunica a Si mesmo por meio do dom da sua Palavra”,<sup>1</sup> ou seja, Deus pronunciou a sua Palavra eterna de modo humano, o seu Verbo “fez-Se carne”,<sup>2</sup> plenificando-se em Jesus.

Certamente os primeiros cristãos testemunharam a ação desta Palavra<sup>3</sup> através de Jesus e sua ressurreição. É a força da Palavra que conduz os primeiros discípulos na evangelização e transmissão da fé, de forma a alcançar os confins da terra. Ela, atravessando séculos, se faz presente até hoje na vida da Igreja.<sup>4</sup>

O início desta caminhada é constatado no segundo volume da obra lucana, *Atos dos Apóstolos*, que por sua vez, deve ser retomado pelas comunidades atuais, como fonte de inspirações novas e proféticas. A Palavra é capaz de abrir caminhos novos em tempos difíceis “acordando comunidades adormecidas, gerando multidões de conversões, dando vida a inúmeras comunidades eclesiais”.<sup>5</sup>

Diante disso, no exercício de retornar as fontes buscando exemplos e inspiração para a comunidade atual, é necessário compreender o contexto da perícopé abordada. Ou seja, assim como em qualquer outro estudo bíblico, deve-se considerar o contexto do escritor e as especificidades da exegese bíblica para uma melhor compreensão do texto analisado.

Desta forma, será descrito o contexto do livro dos *Atos dos Apóstolos*, considerando objetivos de seu autor, estrutura e destinatários. Descreve-se ainda o contexto socioeconômico, religioso e político no qual a comunidade de Jerusalém está inserida e vai destacar-se com o nascimento da comunidade cristã. Somente após este conhecimento e contextualização será possível destacar e extrair com mais eficiência os ensinamentos contidos no texto sagrado.

---

<sup>1</sup> BENTO XVI. **Exortação Apostólica *Verbum Domini***. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 3; VD 1.

<sup>2</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003, Jo 1,14.

<sup>3</sup> Ao referir-se as Sagradas Escrituras utiliza-se o termo “Palavra” com letra maiúscula, porém, alguns documentos expressam com letra minúscula permanecendo deste modo nas citações diretas.

<sup>4</sup> FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 87.

<sup>5</sup> MOSCONI, Luis. **Atos dos Apóstolos: como ser igreja no início do terceiro milênio?** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 13.

## 1.1 IDENTIDADE E CREDENCIAL DO AUTOR

Quando se trata dos textos bíblicos, geralmente, busca-se uma abordagem espiritual, pois de fato a Sagrada Escritura “é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo”,<sup>6</sup> ou ainda, uma análise exegética visando explicar ou desvelar os ensinamentos contidos neles. A abordagem do livro *Atos dos Apóstolos*,<sup>7</sup> seja de forma exegética ou hermenêutica, busca extrair mais plenamente a experiência sagrada dos primeiros cristãos.

Porém, estes relatos vão além do caráter sagrado recebendo um grande valor histórico pois, a seu modo, apresentam em seus textos acontecimentos reais. No entanto, não os retrata com exatidão científica, mas apresenta em suas narrativas a memória de fatos vividos por um povo na história que os transmitiu de forma oral e depois os fixou na escrita.

Entre os diversos escritos, o livro dos *Atos* é um dos grandes depoimentos sobre a caminhada das comunidades cristãs do primeiro século, mas não é o único. De fato, o livro dos *Atos* destaca-se ao relatar a história dos primeiros trinta anos da experiência cristã que está amadurecendo.

A data de sua redação entre os anos 80 e 90 é a mais provável, mas não se descarta a datação entre 90 e 100. O local da redação também é inexato, pode-se pensar em Roma, Éfeso, Antioquia, alguma comunidade paulina, Acaia ou Ásia Menor.<sup>8</sup> De fato, a comunidade relatada nestes escritos, sua vivência e compreensão do Cristianismo, merecem atenção e estudo, pois a distância dos acontecimentos narrados vai no mínimo de 30 anos e no máximo 50 anos.<sup>9</sup>

Assim como os quatro Evangelhos, o *Atos* é um livro anônimo, pois não está expresso de forma explícita em seu texto a identidade do autor. A escrita do livro dos *Atos* foi publicada sem nome, mas há uma convergência de testemunhos antigos que atribuem sua autoria a Lucas, um cristão da segunda geração, médico, conhecido entre os admiradores

---

<sup>6</sup> BENTO XVI, 2011, p. 42; VD 19.

<sup>7</sup> O livro bíblico é intitulado *Atos dos Apóstolos*, no entanto, neste estudo será mencionado em sua forma simplificada: *Atos*.

<sup>8</sup> KUMMEL, Werner G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982. p. 238.

<sup>9</sup> FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 22.



e discípulos de Paulo. É do final do século II os registros escritos mais antigos que descrevem Lucas como autor do livro *Atos* e o Terceiro Evangelho (Evangelho de Lucas).<sup>10</sup>

No Novo Testamento, há três referências Paulinas à respeito de Lucas (Filemon 24; Colossenses 4,14; 2Timóteo 4,11). Paulo apresenta-o como um estimado médico, colaborador e fiel companheiro. Por outro lado, a descrição de Paulo realizada por Lucas difere das características paulinas identificadas nas próprias cartas. Estas afirmações são fontes de discussões no estudo bíblico. Por exemplo, nas epístolas, Paulo insiste em sua fraqueza, já em *Atos* é apresentado como dotado de um poder extraordinário, ressuscitando mortos e expulsando demônios.<sup>11</sup>

Incorrem ainda, erros históricos e problemas das viagens entre outras situações que permitem afirmar que Lucas foi provavelmente um “missionário itinerante assim como Paulo. Paulo é seu herói. Está evangelizando na área das Igrejas de ascendência paulina, mas tem poucos conhecimentos concretos sobre Paulo”.<sup>12</sup> De fato, surgem diversos questionamentos acerca de Lucas e Paulo, bem como suas relações, sendo objetos amplos para pesquisas mais específicas e não serão abordados plenamente neste estudo.

Importa aqui somente reconhecer Lucas como um cristão que recebera uma alta formação grega, pois escreve e domina muito bem os gêneros literários gregos. Conhecedor da *Septuaginta* como nota-se em suas citações da Escritura e também, ao adotar o mesmo estilo de escrita em diversas partes de sua obra.<sup>13</sup> Sua habilidade com a literatura e pensamento grego levanta a hipótese de ser um gentio convertido ao Cristianismo. Contudo, o autor por vezes é tido como:

um cristão culto, provavelmente originário da Diáspora judaica, pertencendo ao grupo de animadores ou profetas, catequistas-mestres de

---

<sup>10</sup> DILLON, Richard. *Atos dos Apóstolos*. In: BROWN, Raymond (Org.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2018. p. 310-398. p. cit. 310.

<sup>11</sup> COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1988. Vol. I: 1-12. p. 60.

<sup>12</sup> COMBLIN, 1988, p. 62.

<sup>13</sup> BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 379.

uma comunidade cristã em algum centro fora da Palestina.<sup>14</sup>

Todos os evangelistas tem a Páscoa como ponto de partida e terminam seus escritos com uma abertura a missão universal. No entanto, Lucas é o único que dá continuidade com a redação do segundo volume, *Atos*, de forma a unir o ministério terrestre de Jesus e o momento presente dos cristãos do século I, a quem a obra foi dirigida, mas que se volta também aos cristãos de todos os tempos.<sup>15</sup>

## 1.2 DESTINATÁRIOS E FINALIDADE DO LIVRO DE *ATOS*

Em *Atos* 1, 1-2 encontra-se um pequeno prólogo e dedicatória que remete ao prólogo do primeiro volume de seus escritos, ou seja, a finalidade descrita no início do Evangelho Lucano também é considerado objetivo do seu segundo livro. Haja vista que a divisão da obra foi realizada posteriormente e não se fala de novo objetivo para segunda parte. Assim têm-se como finalidade destes escritos, as palavras do próprio autor:

Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós – conforme no-los transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra – a mim também me pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebeste.<sup>16</sup>

Portanto, Lucas pretende por meio de uma narrativa organizada e essencial dos acontecimentos, oferecer as garantias seguras da seriedade e validade da mensagem cristã. Os dois volumes de Lucas, embora separados, apresentam a concepção do autor acerca do processo da história da salvação, abrangendo a história de Israel e Jesus em seu Evangelho, bem como a relação Jesus e sua Igreja, expressa nos *Atos*.

---

<sup>14</sup> FABRIS, 1984, p. 17.

<sup>15</sup> FABRIS, Rinaldo. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 7.

<sup>16</sup> Lc 1,1-3.

O autor Rinaldo Fabris, dedicado ao estudo dos *Atos*, identifica importantes perspectivas como objetivos do autor. Uma das perspectivas é:

[...] continuidade histórico-teológica entre a Igreja das origens (Igreja dos Apóstolos unida com a história de Israel) e as novas Igrejas, surgidas fora da Palestina, numa área cultural sem uma tradição e passado histórico. Faz emergir as raízes históricas e espirituais da Igreja, que prolonga a herança espiritual de Israel e se abre ao mesmo tempo ao mundo ecumênico dos povos. Sublinhar, enfim, a unidade do desígnio salvífico de Deus, da salvação que se realiza na história, prometida no Antigo Testamento, atuada em Jesus e que se prolonga na Igreja.<sup>17</sup>

Há ainda um viés apologético, mais como desejo de assegurar aos cristãos sua identidade de fé e empenho cristãos, ou com intento em remover as incertezas e as tensões que derivam das acusações e resistências do ambiente externo e pagão. Porém, apologética não é a finalidade geral da obra lucana. Volta-se mais para uma autocompreensão, ou seja, dirigida aos cristãos e não as pessoas de fora. Não convém atribuir aos seus escritos a tentativa de defender o Evangelho contra acusadores de Paulo, ou do Cristianismo, ou até mesmo correntes heréticas.<sup>18</sup>

Determinar o destino dos escritos bíblicos é tarefa árdua e costuma-se trabalhar com hipóteses. Alguns consideram Lucas natural de Antioquia e este seria o endereço de suas obras, outros defendem a Grécia como destino, ao afirmarem que Lucas teria morrido por lá. Uma corrente ainda sugere que o destino era Roma, pois os escritos de *Atos* terminam ali e por sua vez é o centro do mundo gentio.<sup>19</sup>

Conforme Comblin, uma provável conclusão é de que o livro tenha sido escrito para várias comunidades unidas por condições semelhantes. Uma vez que “estas comunidades acolheram verdadeiros pobres, desses mendigos, biscateiros, desempregados das cidades do

---

<sup>17</sup> FABRIS, 1991, p. 25-26.

<sup>18</sup> DILLON, 2018, p. 311-312.

<sup>19</sup> BROWN, 2004, p. 380-381.

mundo helenizado ao lado de pessoas com condições modestas ou médias”.<sup>20</sup> Os destinatários da obra de Lucas são provavelmente:

Os cristãos que vivem fora da Palestina, nos grandes centros urbanos, onde se desenvolveu a missão de Paulo. Eles necessitam redescobrir a própria identidade de cristãos compreendendo a relação existente entre eles e a história de Israel.<sup>21</sup>

Isto posto, mesmo diante das hipóteses e linhas interpretativas, destaca-se o escrito lucano como grande auxílio aos leitores e ouvintes cristãos, sejam judeus ou gentios, na busca de autocompreensão, sobretudo, no contexto hostil em que se encontravam.

### 1.3 COMPOSIÇÃO E ESTRUTURA DOS *ATOS*

As histórias registradas por Lucas ao buscar reconstruir o movimento cristão do período são muitas. Por isso, descrever a estrutura do livro dos *Atos* é algo necessário para situar e compreender a perícopes que se propõe neste estudo. Seus escritos são uma reelaboração dos eventos e personagens históricos da Igreja primitiva. Ou seja, apresentam uma releitura dos acontecimentos voltada para os leitores cristãos do primeiro século e que, mais tarde é reconhecida como livro inspirado, livro canônico.

São diversas as formas com que se estruturam o livro dos *Atos*, conforme critérios adotados por cada pesquisador, dificilmente se enquadra em uma única perspectiva. Costuma-se, por exemplo, dividir a obra através dos protagonistas, em torno dos quais se desenvolve a ação: Pedro em Jerusalém e Cesareia (capítulos de 1-5; 10-11, 12 e 15) e Paulo que domina a segunda parte dos *Atos* (capítulos 16 ao 28) e sua viagem acompanhado de Barnabé (capítulos 13-14).<sup>22</sup>

O livro *Atos* em sua composição e estrutura permite traçar um caminho de progresso do próprio Evangelho. O desenvolvimento da “missão cristã e a fundação das novas comunidades percorrem e expande-se até a capital do Império em um percurso linear, ou seja, vai de Jerusalém a Roma, passando pelos centros intermediários de

---

<sup>20</sup> COMBLIN, 1988, p. 58.

<sup>21</sup> FABRIS, 1984, p. 21.

<sup>22</sup> FABRIS, 1984, p. 28-29.

Cesareia, Antioquia, Síria, as cidades do planalto Anatoliano, Éfeso, Tessalônica e Corinto”.<sup>23</sup>

Por isso, as etapas de desenvolvimento missionário também costumam ser critério de divisão dos textos lucanos. Jerusalém e Antioquia são os polos situados na primeira parte da obra, depois os fatos deslocam-se para fora da Palestina como os centros da Macedônia e Grécia.

Assim, a proposta mais frequentemente utilizada é a divisão da obra em cinco seções que ritmam o desenvolvimento da ação missionária conforme demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 1: Estrutura literário-temática do livro *Atos dos Apóstolos*.

SEÇÃO	TÍTULO	CAPÍTULOS
I	Origens da Igreja de Jerusalém.	1,1-5,42
II	Perseguição e missão: de Jerusalém a Antioquia.	6,1-12-25
III	Primeira viagem missionária e Concílio de Jerusalém.	13,1-15,35
IV	Grandes viagens missionárias: fundação das Igrejas na Grécia / Ásia.	15,36-20,38
V	Paulo, prisioneiro de Cristo: de Jerusalém a Roma.	21,1-28,31

Fonte: FABRIS, 1984, p. 69.

Os acontecimentos do povo foram reunidos por Lucas, não como história da Igreja, mas sim com as raízes da Igreja.<sup>24</sup> Esta pesquisa concentra-se na primeira seção do livro *Atos*, que se torna ainda mais relevante para as comunidades de hoje ao descrever a estrutura e dinamismo da primeira comunidade cristã.

A primeira seção de *Atos* desenvolve a transição entre os acontecimentos finais da vida de Jesus e o tempo da Igreja que ainda não surgiu de forma institucional. A partir da ascensão de Jesus, os discípulos tem diante de si o mundo e a história onde amadurecerá a

<sup>23</sup> FABRIS, 1991, p. 24-25.

<sup>24</sup> STORNIOLO, I. **Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do Evangelho**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996. p.11.

experiência cristã.<sup>25</sup> Portanto, nos cinco primeiros capítulos encontra-se a descrição da vida destes primeiros discípulos, evidenciando os sinais, testemunhos e vida comunitária nos primórdios da Igreja, centralizada na cidade de Jerusalém.<sup>26</sup>

Há uma profunda relação entre os primeiros cristãos e a Palavra de Deus, na qual todos os discípulos estão a serviço da Palavra, não apenas como transmissores, mas ela age nos corações. O anúncio da Palavra através da evangelização, catequese, animação ou pastoral é a estrutura permanente das comunidades cristãs.

Existe também um grande zelo e preocupação com este querigma, o anúncio da Boa Nova, nota-se que os apóstolos oram e escolhem sete homens para cuidar das mesas, ficando disponíveis apenas para o anúncio da Palavra:

Os doze convocaram então a multidão de discípulos e disseram: ‘Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai entre vós sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos dessa tarefa. Quanto a nós, permanecemos assíduos à oração e ao ministério da Palavra’. [...] E a Palavra de Deus crescia.<sup>27</sup>

Deste anúncio resulta a vida da primeira comunidade que permanece unida a Palavra de Deus, assim, “aqueles, pois que acolheram sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas”.<sup>28</sup> Da escuta e vivência da palavra está o sustento dos cristãos, o encorajamento e a perseverança.

As comunidades dos apóstolos reuniam-se para expressar sua fé em Jesus e mostrar o caminho que ele propunha. Convocada por Deus, a comunidade primitiva era a reunião dos fiéis que sentiram o mesmo

---

<sup>25</sup> FABRIS, 1991, p. 47.

<sup>26</sup> AUNEAU, Joseph. et al. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 244.

<sup>27</sup> At 6, 1-7.

<sup>28</sup> At 2, 41.

chamado e assim toda comunidade cristã pode inspirar-se nos elementos distintivos da Igreja primitiva.<sup>29</sup>

## 1.4 SOCIEDADE E CONTEXTO CULTURAL

Para avaliar um texto antigo, principalmente o texto bíblico, que se originou em época e situações históricas concretas, é necessário contextualizar o escrito. O autor Lucas e sua obra *Atos*, portanto, a perícopes base desta pesquisa, estão inseridos na realidade específica em que se encontravam Jesus e seus seguidores.

Para compreender a mensagem de Lucas e a realidade das primeiras comunidades cristãs, apresentar-se-á de maneira resumida, mas fundamental, o contexto socioeconômico, político e religioso que circundam os escritos lucanos.

### 1.4.1 Contexto socioeconômico

As grandes cidades do Império Romano, como Corinto, Éfeso, Tarso, Atenas, eram cidades de características costeiras tendo em vista o comércio. As cidades ao longo da costa eram ricas de fauna marinha, beneficiando seus moradores com a produção própria da atividade portuária. No entanto, o cultivo de vegetais, as extrações de metais preciosos, também originava a economia presente no primeiro século cristão.<sup>30</sup>

Dessa maneira, as comunidades cristãs surgem num ambiente cidadão, na qual “os destinatários são de comunidades urbanas, onde há ricos e pobres de várias culturas”,<sup>31</sup> porém, não exclui os diversos povoados e vilarejos que buscam viver das atividades do campo e se relacionam com a cidade.

Os padrões socioeconômicos eram semelhantes em quase todas as cidades, de forma muito modesta para a maioria, e de riquezas para

---

<sup>29</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de comunidades**: uma nova paróquia. São Paulo: CNBB, 2014. (Documento 100). p. 18; Doc. 100, 78.

<sup>30</sup> ARENS, Eduardo. **Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João**: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2005. p. 97.

<sup>31</sup> GASS, Ildo B. **Uma introdução a Bíblia**: as comunidades cristãs a partir da segunda geração. 2. ed. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus, 2005a, Vol. 8. p. 41.

os latifundiários e a classe alta de Jerusalém. Os artesãos, que trabalhavam como tecelões, alfaiates, ferreiros, também se mantinham com um modesto sustento.<sup>32</sup> No entanto, os comerciantes, artesãos, marinheiros, transportadores, não eram da ordem privilegiada, mas viviam muito bem. Por fim, os pobres e miseráveis formados pelos leprosos, mendicantes, escravos e viúvas eram os que mais padeciam.<sup>33</sup>

As comunidades descritas por Lucas buscarão substituir as práticas de hierarquização e exclusão por ações de solidariedade e partilha. Uma proposta que dê dignidade a todas as pessoas, motivando o auxílio dos mais ricos aos pobres, por fim, combatendo diversas questões que distanciam a vivência cristã e dificultam a evangelização em Jerusalém.

### 1.4.2 Contexto religioso

O Cristianismo nascente era envolvido pela cultura judaica, assim, a fé cristã está contida na fé de Israel. Diante disso, é necessário reconhecer os diversos tipos de judeus cristãos, que oriundos de tradições diferentes, buscaram adeptos entre os pagãos e constituem a história do Cristianismo nascente. De fato, os primeiros crentes em Jesus eram judeus, por isso, as memórias deste povo e seus escritos estão repletos de referências as Escrituras, festas, instituições e tradições judaicas.

O Judaísmo tornou-se atraente aos pagãos que careciam de uma fé sólida, coerente arraigada numa tradição histórica. Então os pagãos encontram na prática judaica uma vida ordenada, são, honrada, destaca-se ainda o senso de solidariedade e identidade, fazendo que muitos aderissem a fé.<sup>34</sup>

Consideram-se quatro grupos distintos no Judaísmo do primeiro século. O primeiro grupo de judeus e pagãos cristãos observava a Lei mosaica, inclusive a circuncisão, denominados em *Atos* como pertencentes ao grupo dos fariseus (*At* 15,5). Um segundo grupo, não exigia a circuncisão, mas observa certas práticas judaicas, entre elas as alimentares (tementes a Deus). O terceiro, não impunha a circuncisão nem a observância das leis alimentares, mas manteve-se ligado ao culto

---

<sup>32</sup> LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 136.

<sup>33</sup> COMBLIN, 1988, p. 33.

<sup>34</sup> ARENS, 2005, p. 170.



e as festas. Por fim, o quarto grupo, dos helenistas que rejeitam e rompem totalmente com o Judaísmo.<sup>35</sup>

Entre estas comunidades judaicas existia um pequeno grupo, os prosélitos, que assumiram na totalidade a religião de Israel, aderindo à prática da Lei, inclusive da circuncisão. Portanto, são estrangeiros convertidos, de forma que “os prosélitos pertencem plenamente ao judaísmo”.<sup>36</sup>

De modo geral, as comunidades crentes em Cristo compõe-se constitutivamente de judeus e não-judeus em meio a uma sociedade majoritariamente pagã. Os não-judeus referem-se a um grupo de tementes a Deus, mas não oficialmente convertidos, porém, se relacionavam com as sinagogas. Conhecidos como gentios, são mais que simpatizantes do Judaísmo, eles buscam adaptar-se ao modo de vida judaico. Embora se destacassem por suas boas obras, eram considerados impuros por serem incircuncisos.<sup>37</sup>

Havia também os cristãos de origem judaica, mas que falam grego, ou seja, os Helenistas. Estes “inculturaram rapidamente o dinamismo de sua fé e tiraram dela conclusões de acordo com sua experiência e sua cultura”.<sup>38</sup> Faziam uso das Escrituras em grego, a *Septuaginta*, mantendo uma mentalidade mais aberta em relação ao modo de vida do judeu.<sup>39</sup>

Esta diversidade social e religiosa entre os primeiros cristãos promove alguns conflitos ligados à situação judaico-pagã. Como se percebe na a convenção dos apóstolos em Jerusalém relatada em Atos 15, ao decidir que os crentes em Cristo, não-judeus convertidos, não necessitariam aderir a circuncisão para participar da redenção futura.<sup>40</sup>

O autor de *Atos*, além de esclarecer os conflitos busca:

<sup>35</sup> MAINVILLE, Odette. **Escritos e ambiente do Novo Testamento**: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 63-64.

<sup>36</sup> STEGEMANN, Ekkerhard W.; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo**: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. p. 291.

<sup>37</sup> STEGEMANN, 2004, p. 291.

<sup>38</sup> MAINVILLE, 2002, p. 105.

<sup>39</sup> GASS, Ildo B. **Uma introdução a Bíblia**: as comunidades cristãs da primeira geração. 2. ed. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus, 2005b, Vol. 7. p. 68.

<sup>40</sup> STEGEMANN, 2004, p. 303.

ajudar os judeus em conflito com suas sinagogas, a entenderem que não foram eles que se afastaram da tradição de Israel, mas as próprias autoridades se distanciaram da religião de seus pais. Para *Atos*, as comunidades cristãs são a parte de Israel que é fiel aos profetas.<sup>41</sup>

Importante também é situar-se acerca dos locais de culto e expressão da fé entre os primeiros cristãos e judeus. A vida religiosa na Palestina se desenvolve em torno da sinagoga, local de encontro, de oração, no sábado e nas festas principais. O edifício da sinagoga geralmente eram construídos em terrenos altos e próximos de fontes ou de rios, sempre voltados para Jerusalém.<sup>42</sup>

A sinagoga era lugar de reunião da comunidade, nela ficavam guardados os rolos sagrados da Escritura e ali acontecia a leitura do texto sagrado, as orações e as instruções. A sinagoga era também a casa de ensino, na qual um professor introduzia as crianças à leitura e interpretação da Lei. Em razão disso, a sinagoga era o centro da vida da comunidade, servindo inclusive para discussões sobre questões da própria comunidade.<sup>43</sup>

O Templo de Jerusalém, para o qual se voltam às sinagogas, é o lugar da presença divina e centro da identidade nacional e religiosa do Judaísmo no período helenístico-romano, pois exerce forte influência social, política e também econômica.<sup>44</sup> Todos os judeus, residentes ou fora da Palestina, estavam obrigados a participar de três grandes festas que recordam as intervenções de Deus: Páscoa, Pentecostes e Tendas. Assim, nestas datas deveriam peregrinar ao Templo de Jerusalém e oferecerem sacrifícios.<sup>45</sup>

No Templo ocorria o culto sacrificial, presidido pelo sumo-sacerdote, principalmente o culto dos sábados e das grandes festas, os demais dias eram realizados pelos sacerdotes. O entorno do Templo também era lugar de aprender e ensinar, lugar de oração e reuniões culturais.<sup>46</sup> No entanto, a vida dos judeus não se limitava as grandes festas ou a sua participação na sinagoga, mas havia empenho pessoal

---

<sup>41</sup> GASS, 2005a, p. 45.

<sup>42</sup> FABRIS, 1984, p. 53.

<sup>43</sup> LOHSE, 2000, p. 155.

<sup>44</sup> STEGEMANN, 2004, p. 166.

<sup>45</sup> FABRIS, 1984, p. 54.

<sup>46</sup> STEGEMANN, 2004, p. 167.

nas meditações e práticas de caridade e misericórdia, vindo assim ao encontro da novidade da experiência cristã.

### 1.4.3 Contexto político

As primeiras comunidades cristãs, bem como o Judaísmo e seus grupos apresentados até aqui, estavam inseridos na política romana praticada em todas as províncias do Império Romano. Este império era um Estado cosmopolita, com extenso território defendido por armas, e fez expandir a cultura helenística-romana por todas as cidades.

A vivência judaica e até mesmo o proselitismo eram permitidas pelo Governo Romano, inclusive, reconheciam a autoridade do sumo sacerdote e do Sinédrio no que se refere à Lei, e também protegiam o Templo.<sup>47</sup> O sinédrio era composto pelo sumo sacerdote, pelos anciãos, pelos doutores da Lei, pelos Escribas. Trata-se de um grande conselho composto por setenta e um membros que assessoravam o sumo sacerdote.

A pessoa mais influente da sociedade judaica, presidente de ofício do sinédrio, é o sumo sacerdote. Ele é responsável por gerir o Templo, que com todas as suas festas, peregrinações e sacrifícios, acabava por movimentar a economia.<sup>48</sup> Abaixo do sumo sacerdote estão os chefes dos sacerdotes, mas há também os inspetores do Templo, o tesoureiro, e os levitas que acompanhavam o culto como músicos e cantores.<sup>49</sup>

Este grupo, caracterizado pela autoridade e importância diante do Templo, aderiram principalmente ao grupo dos saduceus. Os saduceus são oriundos da aristocracia de Jerusalém, por isso, os membros deste grupo ocupavam grandes cargos sacerdotais. Eram estritos observadores da Lei velando principalmente pela observância do sábado.<sup>50</sup>

Já os fariseus, eram um grupo também fiel e muito zeloso à Lei, porém, sem objetivos políticos. Na vida e ação, os fariseus buscavam seguir corretamente as prescrições da Lei, sobretudo, a purificação e o

---

<sup>47</sup> SAOÛT, Yves. **Atos dos Apóstolos**: ação libertadora. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 97.

<sup>48</sup> SAOÛT, 1991, p. 102.

<sup>49</sup> STEGEMANN, 2004, p. 167.

<sup>50</sup> LOHSE, 2000, p. 69.

dízimo. Porém, os fariseus buscavam afastar-se das pessoas ignorantes da Lei e dos que não a observavam, evitando relação com elas.<sup>51</sup>

## 1.5 COMUNIDADE DE JERUSALÉM

Muitas fundações e comunidades eclesiais decorrem da reflexão sobre os cinco primeiros capítulos de *Atos*, por isso, o intento de recorrer à perícope deste estudo, conhecendo a comunidade a quem foi dirigida e dela extrair e atualizar ensinamentos que promovam uma vivência eclesial mais profunda e frutuosa. Sabe-se que o livro dos *Atos dos Apóstolos* é dirigido a algumas comunidades específicas e distintas, sendo necessário identificar as características da Igreja<sup>52</sup> para qual a perícope foi dirigida.

Quando Lucas, ao iniciar o livro dos *Atos*, exprime o plano da missão cristã, ele o faz a partir de Jerusalém, depois passa a Judeia e à Samaria, ou seja, comunidades de judeus que se tornaram cristãos. Assim expande-se aos meios ligados ao Judaísmo, porém, de forma marginal, como os samaritanos.<sup>53</sup>

Descreve-se aqui a respeito da comunidade de Jerusalém, na qual a primeira seção e primeira parte da obra lucana (capítulos de 1 a 5) é dedicada, pois:

A ‘revolução cristã’, que o cristianismo traz ao mundo, a mudança que realiza no mundo. Em primeiro lugar, temos aqui uma utopia, uma visão da sociedade humana projetada como ideal, uma meta. O que Lucas enxerga em Jerusalém, é a meta final, a referência constante para todos os cristãos.<sup>54</sup>

Deste modo, Jerusalém é o centro da salvação, nesta cidade Jesus realizou a sua obra e os apóstolos puseram os fundamentos do

---

<sup>51</sup> LHOSE, 2000, p. 72.

<sup>52</sup> Entende-se Igreja no sentido particular, a que se encontra em Jerusalém, não no sentido universal.

<sup>53</sup> AUNEAU, 1985, p. 28.

<sup>54</sup> COMBLIN, 1988, p. 66.

Cristianismo. Para Lucas Jerusalém é a resposta das promessas bíblicas, herança de Israel, são eles os verdadeiros herdeiros do Reino de Deus.<sup>55</sup>

Em Jerusalém havia várias comunidades, geralmente com lideranças coletivas, onde destacam-se João (At, 3;4; Gl 2,9) e Tiago (Gl 1,19; At 12,17), discípulos vindos da Galileia e que fundam a Igreja de Jerusalém. As Igrejas da Judeia, principalmente a de Jerusalém, eram Igrejas propriamente judaicas.<sup>56</sup>

Os cristãos de Jerusalém iam às orações da manhã e da tarde, cumpriam as purificações rituais, os sacrifícios, observavam o jejum, e a observância do sábado. Ou seja, mantiveram sua prática judaica, mas diferenciaram-se dos demais judeus ao reconhecerem em Jesus o Messias.<sup>57</sup>

No século I a vida cristã estava muito ligada ao judaísmo, de modo que o Estado romano não os distinguia e confundia-os ao ponto de reconhecê-los os mesmos privilégios: livre exercício de culto, dispensa militar, isenção dos encargos, obrigações e funções incompatíveis com o monoteísmo.<sup>58</sup>

Neste contexto judaico, de cristãos-judeus fica claro que as perseguições contra os cristãos vinham dos chefes da Sinagoga. O modelo de Jerusalém tenta restituir a confiança aos cristãos que se sentem judeus e são ameaçados pelas sinagogas. O sinal messiânico dos primeiros cristãos é um opor-se a prática não cristã das sinagogas. Rejeição ao dinheiro e motivação da comunhão de bens.<sup>59</sup>

Dessa forma as primeiras comunidades de Jerusalém duraram cerca de quarenta anos, pois em 70 d.C as tropas romanas destruíram o templo e a cidade. Assim esta comunidade em Jerusalém perde força e emergem outras comunidades como a de Antioquia e Éfeso.<sup>60</sup> Diante disso, os judeus-cristãos, num esforço missionário expandem o Cristianismo para fora da Palestina. “Foram trabalhar na Samaria (At

---

<sup>55</sup> COMBLIN, 1988, p. 79.

<sup>56</sup> MAINVILLE, 2002, p. 104.

<sup>57</sup> GASS, 2005b, p. 65.

<sup>58</sup> HAMMAN, A.-G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 63.

<sup>59</sup> COMBLIN, 1988, p. 79.

<sup>60</sup> GASS, 2005a, p. 13.

8), na Fenícia, na Ilha de Chipre, na Síria, em Antioquia ou Damasco (At 11,19), alcança o Egito (At 18,24) e o Império Romano (At 18,2)”.<sup>61</sup>

Após a morte dos apóstolos, as comunidades assumem a missão, imitando-os e propagando seus ensinamentos. Para Lucas, a responsabilidade repousa sobre a comunidade inteira, pois conversão significa missão, fé, partilha. São estes ensinamentos que devem instruir e serem assumidos pela comunidade que recebe seu texto.

O contexto político, a economia marcada pela exclusão e a religião cercada de conflitos formam o cenário em que a evangelização deve acontecer. Os apóstolos e todos os demais seguidores e seguidoras de Jesus enfrentaram esse difícil cenário e anunciaram com força a Boa Nova. Organizaram-se na vida em comunidade diferenciando-se totalmente da vida comum. Assumiram novos valores e nova vida a partir de Jesus. Por isso, é preciso identificar a tão eficaz prática cristã das primeiras comunidades e lançá-los para comunidades atuais. Certamente o impulso para a evangelização e anúncio resultou da vivência em comunidade, da força do testemunho e do ardor de cada discípulo e discípula.

---

<sup>61</sup> MAINVILLE, 2002, p. 106.

## 2 A COMUNIDADE IDEAL EM ATOS DOS APÓSTOLOS

Entende-se que a abordagem do livro dos *Atos dos Apóstolos* exige o conhecimento de seu contexto histórico-cultural, político, religioso. Estes foram abordados no primeiro capítulo com intuito de facilitar a compreensão da perícópe que será analisada. Afinal, os relatos da missão iniciada em Jerusalém que parte para a Judeia, Samaria e se expande por todo Império Romano, é fonte primordial dos valores assumidos pelas comunidades cristãs primitivas e inspiração para as comunidades dos dias de hoje.

Na primeira seção dos *Atos*, que contém os relatos da comunidade de Jerusalém, destaca-se o capítulo 2,42-47, conhecida como comunidade ideal. Lucas apresenta a estrutura e dinamismo da primeira comunidade cristã. Por isso, buscar-se-á identificar através da perícópe a vida comunitária, oração, e organização dos primeiros cristãos. O texto abordado distingue-se ao relatar um núcleo de pessoas, unidas pelo anúncio da Palavra, apresentando-os como modelo ideal da comunidade cristã.

### 2.1 PERÍCOPE ATOS 2,42-47

Muito importante é identificar as características das primeiras comunidades através da prática cristã e vivência comunitária próprias da época. A experiência cristã é encontrada ao longo de toda a obra lucana, porém, o enfoque deste estudo é *Atos 2,42-47*. O texto original encontra-se em grego<sup>62</sup>, no entanto, a Bíblia de Jerusalém, com as devidas adequações, apresenta-o desta forma:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes,

---

<sup>62</sup> O texto original e sua tradução encontram-se no Apêndice A. Quadro 2: Texto em grego da perícópe *Atos 2,42-47* e sua tradução literal.

mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos.<sup>63</sup>

Nota-se que esta passagem, a respeito das primeiras comunidades, não é um texto isolado. Ela é considerada a primeira dentre os grandes sumários do livro dos *Atos*, pois faz relação com o texto que o precede e lança base para os textos seguintes, por isso, é denominada sumário. São três os sumários clássicos deste livro: 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16, ou seja, são trechos que descrevem o retrato das comunidades cristãs apresentando pontos em comuns entre si.

O recurso literário, sumário, é considerado por alguns autores também em outras duas passagens de *Atos*: 1,12-14 e 5,42. A primeira apresenta a comunidade antes de Pentecostes e a segunda é um resumo de toda a seção. O que se narra nos sumários de Lucas, não são fatos isolados, mas estão em sintonia com os demais textos. Porém, a síntese nele contido pode ser tomada como fonte e base permanente para toda a caminhada cristã primitiva.<sup>64</sup>

A vida da primeira comunidade após o Pentecostes é marcada pelos fundamentos da vida cristã. Tem-se os ensinamentos dos apóstolos, a comunhão fraterna, a fração do pão e as orações como valores centrais, ou seja, a comunidade persevera no empenho e no compromisso assumido por ocasião da conversão, pois na “base estava a unidade dos corações, fundada na fé e na aceitação das pessoas. A fé em Jesus Cristo é a razão profunda de estarem juntas”,<sup>65</sup> este impulso da união em Jesus é vivenciado na prática comunitária.

Estes ensinamentos são considerados uma revolução cristã, pois revela um novo modo de exercer a fé e viver em comunidade. O relato de Lucas pode ser interpretado como uma forma idealizada de comunidade. No entanto, é inspirador, uma meta, resultado de uma vivência cristã perfeita e referência constante para todos os cristãos, por isso, a seguir será ampliado o estudo destes temas.

---

<sup>63</sup> At 2, 42-47.

<sup>64</sup> RICHARD, Pablo. **O movimento de Jesus depois da ressurreição**: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 46.

<sup>65</sup> FABRIS, 1984, p. 113.



### 2.1.1 Ensino dos Apóstolos

Os apóstolos foram homens que andaram com Jesus e aderiram aos seus ensinamentos ainda nos primeiros anos do movimento cristão. Este período inicial, do ano 30 d.C até em torno de 67 d.C, é chamado época apostólica. Quando os primeiros seguidores de Jesus já haviam morrido, dá-se início a segunda geração de cristãos denominada época subapostólica, período em que Lucas redige suas obras retomando os ensinamentos dos apóstolos, discípulos e discípulas que testemunharam e anunciaram os ensinamentos de Jesus.

O livro dos *Atos* é marcado pela missão que os discípulos receberam de anunciar a Boa Nova a partir da ressurreição de Jesus, mas não fizeram isso sozinhos, eles receberam o auxílio de uma força: “a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judeia e a Samaria, até os confins da terra”.<sup>66</sup> Dois anunciadores da ressurreição de Jesus que fortalecidos pelo Espírito Santo evangelizam com eficácia merecem destaque na obra Lucana: Pedro e Paulo.

O Espírito pode ser descrito como a força de Deus, mas na obra dos *Atos dos Apóstolos* ele acaba sendo personificado ao longo dos textos, mais que um conceito, tem-se uma pragmática do Espírito Santo.<sup>67</sup> Em vista disso, a presença do Espírito percorre toda a obra de Lucas.

O Espírito Santo é o prometido pelo próprio Jesus (At 1,4-8), esperado (At 1,12-14;15-24), dom do Espírito (At 2,1-13.14-21), fonte de liberdade e sabedoria (At 4,30-31; 5, 29-32; 6,3-5.8-10), desce sobre os samaritanos (At 8,14-17), sobre os discípulos de João (At 19,1-7) e por fim, relacionado à missão cristã (At 13,1-3; 16-67).<sup>68</sup>

Ao tratar do Espírito Santo é necessário remeter-se ao evento de Pentecostes, no qual há a manifestação e crescimento da presença do Espírito. Estando todos reunidos o Paráclito é recebido e produz efeitos nos apóstolos (At 2,1-4), sendo possível comunicar e entender em diversas línguas (At 2,5-13). Inspira também o discurso de Pedro (At 2,14-21.22-36) como uma autêntica experiência do Espírito e por fim o

---

<sup>66</sup> At 1,8.

<sup>67</sup> MARGUERAT, Daniel. **A primeira história do Cristianismo**: os Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola, 2003. p. 114.

<sup>68</sup> FABRIS, 1984, p. 75.

batismo como obtenção do perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo (At 2,38-39).<sup>69</sup>

A força e poder vinham do Espírito, por isso as curas e milagres eram possíveis, sendo realizadas em nome de Jesus Cristo (At 3,6; 4,10.30; 16,18; 19,13), mais do que um efeito heroico dos discípulos e discípulas, mas sim inspirados, são obra do Cristo e reforçam a presença do ressuscitado na história dos homens e mulheres.<sup>70</sup>

Lucas destaca em sua narrativa o apóstolo Pedro e sua evangelização. O apóstolo, em sua pregação, indica a ressurreição de Jesus como interpretação de Pentecostes (At 2,22-36) e como anúncio a Cornélio (At 10,37-43).<sup>71</sup> Para Pedro, o Espírito é dado a todos, sem diferenciações, todos são chamados para anunciar de forma que “cada cristão está habilitado para isso pelo dom do Espírito”.<sup>72</sup> Portanto, o anúncio do Cristo ressuscitado e a salvação oferecida a todos os homens e mulheres é o querigma de toda evangelização que se inicia.

O autor Lucas articula a salvação e o testemunho desde o início dos *Atos* através da declaração de Pedro em At 1,21, bem como as diversas afirmações de que são testemunhas daquilo que pregaram notada em At 2,32; 3,15; 5,32. De fato, o Evangelho é incompreensível sem os apóstolos, pois eles são os detentores da história da salvação realizada por seu mestre.<sup>73</sup>

A missão dada pelo Senhor ainda não estava muito clara aos discípulos, ela fora se desenvolvendo ao longo da caminhada da Igreja que aos poucos compreende os planos sagrados. Por isso, Lucas demonstra através dos seus escritos os efeitos da ressurreição de Jesus como fator de transformação na história dos primeiros cristãos, uma expansão da compreensão de Igreja e sua ação entre os crentes.<sup>74</sup>

Na narração lucana, destaca-se também a transformação vivida por Paulo e sua ação evangelizadora, dedicando várias páginas de sua obra para este discípulo. O autor cita inicialmente a presença de Paulo na morte de Estevão (At 7,58-8,3), após descreve sua vocação (At 9,1-31) e em seguida demonstra Paulo em atividade missionária na Antioquia acompanhando Barnabé (At 13-14). De fato, Paulo cumpriu

---

<sup>69</sup> FABRIS, 1984, p. 74.

<sup>70</sup> MARGUERAT, 2003, p. 124.

<sup>71</sup> MARGUERAT, 2003, p. 46.

<sup>72</sup> FABRIS, 1984, p. 82.

<sup>73</sup> MARGUERAT, 2003, p. 51.

<sup>74</sup> BROWN, 2002, p. 396.

arduamente esta missão de tornar o Evangelho conhecido e aceito entre os gentios (At 9,15; 20,24; 22,21; 26,17; Rm 1,5; 11,13; 15,16.18; Gl 1,16; 2,7-8; Ef 3,6-8; Cl 1,25-29; 1Tm 2,7).<sup>75</sup>

Deste modo, Pedro, Paulo e os demais apóstolos fazem memória da história salvífica. Ela é ensinada e pregada pelos apóstolos e testemunhada pelos discípulos e discipulas. No texto bíblico este ensino é descrito pelo vocábulo grego *didachê*, ou seja, doutrina, de modo geral, trata-se dos ensinamentos que são realizados para aqueles que aderiram a fé através do batismo.<sup>76</sup> Além dos escritos do Antigo Testamento, as lembranças guardadas na memória dos que conviveram com o Senhor foram transmitidas pela oralidade e mais tarde tornaram-se material para os escritos sagrados do Segundo Testamento.

Sabe-se que ensino dos apóstolos se dava através da releitura de textos bíblicos do Antigo Testamento à luz de Cristo, sempre invocando os ensinamentos de Jesus como guia das escolhas e práticas daqueles que se consideravam seguidores e apóstolos do mestre.<sup>77</sup> De fato, a comunidade foi fundada no anúncio, ensinamento e testemunho dos seguidores e seguidoras de Jesus.

O anúncio realizado pelos apóstolos é um verdadeiro ensino:

feito através da pregação missionária, pela homilia e pela catequese, que no período da Igreja nascente está estritamente unida à pregação. A instrução ou catequese era comunitária, o que, posteriormente, dará origem ao catecumenato.<sup>78</sup>

Na Igreja antiga, destaca-se o anúncio e testemunho dos apóstolos que conduzem a catequese (*didaskalia*), ou seja, a educação e formação cristã. A catequese da Igreja antiga consta de dois momentos: a iniciação cristã, a etapa de crescimento e formação e a formação da fé dos iniciados. Aos judeus convertidos era conferido o batismo, aos

---

<sup>75</sup> ARBIOL, Carlos G. **Paulo na origem do Cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 178.

<sup>76</sup> CHAMPLIN, Norman R. **O novo testamento interpretado**: versículo por versículo. Atos e Romanos. São Paulo: Milenium, 1982. p. 71.

<sup>77</sup> FABRIS, 1991, p. 76.

<sup>78</sup> BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. 2. ed. São Paulo: Paulinas, Valência: Siquem, 2011. p. 23.

pagãos fazia-se necessário uma preparação para o batismo. Após a conversão, a catequese auxiliava os cristãos a professarem sua fé, dando a conhecer melhor a nova vida que aderiram de forma a celebrá-la em comunidade.<sup>79</sup>

Conforme Brighenti, nas primeiras comunidades da Igreja, os apóstolos ensinavam do seguinte modo: leitura da Palavra, exortação à conversão, mudança de vida, conforme os ensinamentos de Jesus, a seguir explicitação da vida de Jesus e suas obras, dando ênfase à ressurreição. Finalmente, entre os convertidos, os apóstolos fazem surgir novas comunidades que buscam viver a nova vida.<sup>80</sup>

Assim a pregação comunitária cristã mais remota é a homilia, realizada durante o culto na sinagoga judaica. Era costume um comentário de cunho catequético após a leitura da Lei e dos livros históricos. Mais tarde foram acrescentados os livros proféticos, na qual a esperança messiânica transforma a homilia em atualização da Palavra de Deus. Na Igreja primitiva a atualização do anúncio na vida da comunidade era favorecida, pois as celebrações eram realizadas nas casas, assim, a homilia era elemento presente em todas as celebrações litúrgicas.<sup>81</sup>

Certamente, as contribuições dos apóstolos e seus seguidores, foram fundamentais para a evangelização e anúncio da Boa Nova. Este anúncio, por sua vez, parte sempre da escuta da Palavra seguida de seu aprofundamento e interiorização. Não uma simples escuta, mas principalmente a vivência da Palavra através do testemunho. Portanto, juntamente com o Espírito Santo, a Palavra de Deus também exerce um papel central na vida dos apóstolos e dos primeiros cristãos de forma que os discípulos e discípulas foram anunciadores da paixão e ressurreição do Senhor principalmente através das catequeses que permitiram as comunidades perseverarem na Palavra.<sup>82</sup>

Esta ação do Espírito Santo e da Palavra na vida dos apóstolos e dos primeiros crentes é importante para compreender a experiência do anúncio do querigma. Nos textos de *Atos*, destaca-se a ação da Palavra de Deus na vida da comunidade, principalmente nos discursos de Paulo e Pedro, é a Palavra anunciada que cresce. É repleto do Espírito que

---

<sup>79</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 95.

<sup>80</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 121.

<sup>81</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 121.

<sup>82</sup> COMBLIN, 1988, p. 107.

Pedro fala ao povo de Jerusalém (At 4,8), o Espírito e Palavra dão força a Estevão (At 6,10) e também a Barnabé (At 11,24).<sup>83</sup>

Conjuntamente, Espírito e Palavra começam a difundir-se nos primórdios da Igreja. É a Palavra que anima e sustenta a vida comunitária da Igreja primitiva fundada em Jerusalém,<sup>84</sup> isso é evidenciado em diversas passagens do livro dos *Atos dos Apóstolos*, como no anúncio aos pagãos em Antioquia da Pisídia (At 13,44-52):

No sábado seguinte, quase toda cidade reuniu-se para ouvir a palavra de Deus. [...] Com toda intrepidez, porém, Paulo e Barnabé disseram: ‘Era preciso que a vós primeiro fosse dirigido a palavra de Deus.’ [...] Ouvindo isso, os gentios se alegravam e glorificavam a palavra do Senhor e todos que eram destinados à vida eterna abraçaram a fé. Assim, a palavra do Senhor difundia-se por toda região.<sup>85</sup>

Há uma profunda relação entre os primeiros cristãos e a Palavra de Deus, na qual todos os discípulos e discípulas estão a serviço da Palavra, não apenas como transmissores, mas ela age nos corações. Como demonstrado anteriormente, o anúncio da Palavra se dá pela evangelização, catequese, animação ou pastoral, pregação, sendo estrutura permanente das comunidades cristãs.

Deste ensino resulta a vida das primeiras comunidades que permanecem unidas à Palavra de Deus, assim, “aqueles, pois que acolheram sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas”.<sup>86</sup> Da escuta e vivência da Palavra está o sustento dos cristãos, o encorajamento e a perseverança.<sup>87</sup>

Além do grande zelo e preocupação com o querigma, o anúncio da Boa Nova, através do ensino e catequese, nota-se na perícope a importância da diaconia. Os apóstolos oram e escolhem sete homens para cuidar das mesas, ficando disponíveis para o anúncio da Palavra (At 6,1-7).

---

<sup>83</sup> MARGUERAT, 2003, p. 122.

<sup>84</sup> FABRIS, 2001, p. 100.

<sup>85</sup> At 13, 44-52.

<sup>86</sup> At 2, 41.

<sup>87</sup> FABRIS, 2001, p. 128.

Diante disso, tem-se que o ensino dos apóstolos na origem da Igreja representa o ensino através das lembranças das palavras de Jesus que ilustra e orienta diversas situações da comunidade. Este ensino se dá através das homilias, pregações, e mais tarde na Igreja mais estruturada pelo catecumenato. Um ensino que é testemunhado no dia da vida eclesial, conduzido pelo Espírito e formado pela Palavra.

### **2.1.2 Comunhão fraterna**

Destaca-se na comunidade apresentada por Lucas a comunhão fraterna. Essa comunhão é descrita pela palavra grega *koinonia*, que apenas em Lucas assume o sentido que remete à comunhão como amizade, companheirismo, comunidade. Dessa forma os crentes partilhavam muito mais que os bens materiais, eles possuíam muitas coisas em comum, sobretudo, a fé em Jesus.<sup>88</sup>

A comunhão como *Koinonia* é um traço característico do livro dos *Atos*, manifestando de forma clara que a comunidade dividia os bens, acima de tudo, havia comunhão de existência na qual todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum. Assim, a partilha material é apenas consequência da fraternidade espiritual que fora abraçada pelos crentes que formavam a primeira comunidade cristã.<sup>89</sup>

O amor fraternal entre os primeiros crentes é também utilizado por Paulo para descrever a unidade dos cristãos entre si: “É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com seu filho Jesus Cristo”.<sup>90</sup> Assim, uma correta relação com Deus remete sempre a uma profunda relação com o outro através da partilha.

De fato, entre os crentes das primeiras comunidades, a comunhão material e espiritual nunca estiveram separadas. Uma é consequência da outra, porém, é possível distinguir esta comunhão em três aspectos. Primeiro uma comunhão de fé em Cristo, relatada, por exemplo, em Fl 2,1; indica ainda a cooperação na obra do Evangelho (Fl 1,5), ou seja, no anúncio do querigma. Por fim, o termo comunhão indica as contribuições em prol dos necessitados, característica marcante da comunidade cristã.<sup>91</sup> Ou seja, participar da comunidade de fé significa

---

<sup>88</sup> BROWN, 2004, p. 402.

<sup>89</sup> FABRIS, 1991, p. 76.

<sup>90</sup> 1 Cor 1,9.

<sup>91</sup> CHAMPLIN, 1982, p.71.

estar unido ao mestre Jesus, anunciar o seu querigma e ter tudo em comum.

Este aspecto importante, a distribuição voluntária de bens entre os membros da comunidade, é descrito em *Atos* 2,42-45; 4,34. Lucas insiste, mais que os outros evangelistas, no perigo do apego à riqueza para aqueles que desejam seguir Jesus (Lc 1,53; 6,24; 12,20-21; 16,22-23), por isso, destaca-se como valor entre os primeiros cristãos a característica da comunhão fraterna. Ou seja, os ricos libertam-se de suas riquezas convertendo em tesouros para o reino de Deus, do mesmo modo, os pobres libertam-se de suas pobrezaas ao terem tudo pela partilha.<sup>92</sup>

Aspectos importantes sobre a vida comunitária, que caracteriza os primeiros cristãos de Jerusalém, são retratados no sumário At 4,32-5,11. A multidão partilhava de um só coração e uma só alma, tinham tudo em comum entre eles, davam testemunho da ressurreição e eram aceitos. Por outro lado, este sumário apresenta ainda o caso de Ananias e Safira, contrastando dois exemplos de comunhão de bens na comunidade de Jerusalém.<sup>93</sup>

De um lado José, apelidado de Barnabé, vendera seus campos e dispusera o valor para os apóstolos, colocando em comum (At 4,32-36). De outro se encontra Ananias e Safira, que do mesmo modo vendem seus bens, mas desviam uma parte antes de depositarem aos pés dos apóstolos (At 5,1-11).<sup>94</sup> Isto demonstra que nem todos aderiam ao novo projeto de comunidade, pois partilhar exige renúncia e conversão.

Dessa maneira, tem-se a comunhão fraterna dos bens como aspecto econômico, de forma a partilharem suas posses, não existindo assim necessitados entre os primeiros cristãos. Mas houve também a comunhão espiritual, formando uma unidade de fé e amor. Da comunhão fraterna há a promoção de abertura da comunidade para os demais valores: a partilha, fração do pão e as orações em comunidade.

### 2.1.3 Fração do pão

A fração do pão refere-se às refeições fraternas dos cristãos. Eram permeadas de solidariedade, fraternidade e celebração da fé, pois “partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e

---

<sup>92</sup> COMBLIN, 1988, p. 77.

<sup>93</sup> CHAMPLIN, 1982, p. 109.

<sup>94</sup> MARGUERAT, 2003, p. 181.

simplicidade de coração”.<sup>95</sup> Embora o partir do pão ou fração do pão seja um gesto ritual do início da refeição judaica, aqui, refere-se muito mais a ceia Eucarística, celebrada como parte da refeição comunitária de Jesus junto aos seus discípulos. A ceia Eucarística, celebrada no “ambiente doméstico possibilita a participação na memória da fé, no amor de Jesus, que leva a partilhar em clima fraterno os bens da vida”.<sup>96</sup>

Dessa maneira, o partir do pão realizado no primeiro dia da semana, buscava-se comemorar a ressurreição do Senhor, refeição na qual Jesus se dá como pão espiritual e alimento da comunidade conforme ele havia anunciado (Lc 9,47; 21,37; 22,53). Deste modo, os primeiros cristãos assumem uma comunidade distinta, com uma adoração cristã típica no dia do Senhor realizada nas casas, aos poucos se distingue do rito judaico concentrado na Sinagoga.<sup>97</sup>

De fato, a casa, tem papel importante nas primeiras comunidades cristãs: a Igreja doméstica. Nessa casa a vivência de família cristã é intensificada, o amor fraterno dentro do ambiente familiar, da parentela, se estende agora para o amor ao próximo como os vizinhos e amigos.<sup>98</sup> Por isso, a simplicidade de coração dos que ali se reúnem no empenho de formarem comunidade e vivenciarem os valores ensinados por Jesus são bases para as demais comunidades.

Logo, a refeição era tomada com alegria. Uma alegria que acompanha aqueles que são libertos, pois se tratava de uma refeição com o Ressuscitado, pela qual participava da comunhão com o corpo e sangue de Cristo, e também a chegada do Reino.<sup>99</sup> A refeição sagrada “tomada por aqueles que acreditavam em Jesus era certamente uma manifestação importante de *koinonia* e, em todo caso, fazia os cristãos sentirem-se distintos dos demais judeus”.<sup>100</sup>

Para Fabris, na fração do pão se encontra muito mais que uma simples refeição, este encontro era:

Uma refeição fraterna que dava aos membros mais pobres da comunidade a possibilidade de ter a sua porção cotidiana de alimento e, ao mesmo

---

<sup>95</sup> At 2,46.

<sup>96</sup> STORNILO, 1996, p. 44.

<sup>97</sup> CHAMPLIN, 1982, p. 71.

<sup>98</sup> STEGEMANN, 2004, p. 316.

<sup>99</sup> RICHARD, 1999, p. 48.

<sup>100</sup> BROWN, 2004, p. 404.



tempo, tomar parte, na memória da fé, no gesto de amor e na esperança de Jesus.<sup>101</sup>

No entanto, esta rica e bela refeição fraterna apresentou também alguns desafios entre Judeus e pagãos convertidos. Não havia problemas aos judeus cristãos que os pagãos fossem batizados, no entanto, fazer refeição com eles iria contra a lei e os contradizia nas convicções mais profundas.

O enfrentamento entre Pedro e Paulo relatado em Gálatas 2,11-14 é o exemplo mais claro do problema das mesas. Pedro, apóstolo dos judeus, toma refeição junto aos pagãos, mas amedrontado pelo grupo judeu-cristão enviado de Jerusalém por Tiago, acaba por sair da mesa comum, outros judeus seguiram seu exemplo. A partir disso surgem então duas mesas, uma para os judeus e outra para os pagãos convertidos. Pedro também é questionado, não pelas conversões dos pagãos, mas pelo fato de ter comido com eles (At 11,3), crítica semelhante feita a Jesus no Evangelho (Lc 15,2; 19,7).<sup>102</sup>

No entanto, Lucas busca justificar a prática da mesa comum demonstrando, diferentemente do relato em Gálatas, que essa foi a prática realizada por Pedro. A recepção de Cornélio feita por Pedro (At 10,1-11,18) ocupa lugar de destaque nos *Atos* como a primeira entrada de um pagão na comunidade cristã. Embora, haja muitas discussões em torno desta narrativa, importa que para Lucas o que faz a comunidade cristã é a comunhão material, a convivência material e a participação na mesma mesa.<sup>103</sup>

Para isso, o autor de *Atos* recorre ainda ao prestígio de Paulo entre as comunidades, demonstrando assim em diversas passagens dos seus escritos a refeição em conjunto feita por ele, justificando a prática da mesa comum. Em Filipos, cidade da Ásia Menor, Paulo hospeda-se na casa de Lídia, uma temente a Deus, adoradora (At 16,14-15), inclusive os missionários são convidados a hospedar-se em sua casa. Ainda ao ser liberto da prisão, Paulo e seus companheiros aceitam visitar e comer junto à mesa do carcereiro (At 16,34).<sup>104</sup>

A comunhão da mesa entre Judeus e pagãos é abordado no Concílio Apostólico de Jerusalém, no qual um decreto põe fim na

---

<sup>101</sup> FABRIS, 1991, p. 77.

<sup>102</sup> COMBLIN, 1988, p. 14.

<sup>103</sup> AUNEAU, 1985, p. 256.

<sup>104</sup> COMBLIN, 1988, p. 14.

divisão, constituindo que os pagãos convertidos tenham acesso às mesas, porém, evitem os alimentos e sacrifícios que geram incômodos aos judeus (At 15,19-29).<sup>105</sup> Essa é uma das decisões que liberam os convertidos da imposição do judaísmo, aos poucos, a experiência cristã vai adquirindo identidade histórica própria.

Outra questão são as viúvas dos cristãos vindos da diáspora, elas também enfrentam a exclusão na partilha das mesas (At 6,1-6). Há uma clara divisão entre os cristãos de cultura hebraica e helenista. Os judeus-cristãos marcados pelo forte Judaísmo privavam o fundo comum para as viúvas helenistas, das quais eram dependentes para sobreviver.<sup>106</sup>

Os discípulos buscam uma solução para este impasse. Embora fossem hebreus, não exigem dos helenistas a aceitação das viúvas. Optam que os helenistas tenham seus próprios líderes para administrar os bens comuns. Assim, num contexto de oração e imposição das mãos, elegem Estevão e mais seis companheiros para cuidar das mesas helenistas, de forma a agradecer a multidão e mantê-los em unidade.<sup>107</sup>

Interessante que, embora enviados como diáconos, Lucas destaca Estevão e Felipe como missionários. Na narrativa do martírio de Estevão o evangelista traça paralelos com o martírio do próprio Jesus, nela seu rosto aparece como de um anjo (At 6,15), o mártir vê a glória de Deus e o Filho do homem de pé à direita do Pai (At 7,55-56).<sup>108</sup>

O martírio de Estevão (At 7,54-8,4) foi motivado pelo enfrentamento às instituições judaicas, do templo e da lei, descritos em sua longa discussão no sínédrio (At 7,1-53) demonstra que a mensagem cristã não está mais ligada à estrutura judaica, resultando em perseguição contra a Igreja de Jerusalém. Em Jerusalém, mesmo com a repressão violenta, permaneceram os apóstolos, já os cristãos de concepção mais helenistas iniciam a Igreja peregrina que se desenvolve na Judeia e Samaria.<sup>109</sup>

Diante disso, conclui Arbiol que o real motivo da divisão entre os cristãos não foi somente o fato do auxílio para as viúvas, mas a tensão provocada entre os crentes em Jesus de origem helenista que colocavam em dúvida a importância do templo e da lei. Assim, os crentes em Cristo de origem helenista fogem da Judeia e se dedicam a

<sup>105</sup> FABRIS, 1991, p. 292.

<sup>106</sup> CHAMPLIN, 1982, p. 129.

<sup>107</sup> BROWN, 2004, p. 410.

<sup>108</sup> AUNEAU, 1985, p. 250.

<sup>109</sup> FABRIS, 1991, p. 148.

evangelizar os pagãos. Os crentes em Jesus de origem hebraica ficam na Judeia e evangelizam os judeus.<sup>110</sup>

Portanto, além de tomar a refeição em comunidade, as pessoas encontravam solidariedade, fraternidade e celebração da fé. Esta solidariedade não é novidade aos mais pobres habituados a partilhar, mas aos ricos trata-se de uma grande conversão. Além disso, os cristãos não fundaram novos templos, mas as refeições fraternas e celebrações que ocorriam nas casas, num ambiente familiar e fraterno torna-se local sagrado de culto.

#### **2.1.4 As orações**

As orações, por sua vez, estavam ligadas aos diversos preceitos e costumes dos judeus que oravam nos templos. Isso se deve ao fato que os primeiros cristãos eram enraizados na cultura judaica e muitos ainda não se caracterizavam como cristãos, mas sim judeus-cristãos.

Os cristãos de Jerusalém, chamados hebreus por falarem a língua aramaica (At 6,1), vivenciavam sua fé em Jesus, mas alguns permaneciam fiéis aos ritos das tradições judaicas. Entre os ritos, encontram-se os sacrifícios no templo, circuncisão, leis alimentares, a questão do sábado, pois entendiam que Jesus havia aprofundado e radicalizado a vivência da Torá.<sup>111</sup>

Portanto, a Torá continua a existir, porém, de modo espiritualizado concentrado no mandamento do amor (Lc 10,27) e na segunda tábua do decálogo (Lc 18,20). Oração e esmola, amor a Deus e ao próximo, são inspiradas na Lei e jamais deixam de inspirar a nova prática cristã.<sup>112</sup>

Desta forma, era comum a profissão de fé no início e fim do dia, são estas duas ocasiões mais fortes, nas quais o cristão guarda o silêncio, medita a Escritura e canta um salmo. A oração nas horas determinadas não foi a única herança dos Judeus, havia também entre os primeiros cristãos a ação de graças dada antes de diversas ocasiões, principalmente das refeições, considerada ato sagrado.<sup>113</sup>

Como afirmado pela perícopé, eram assíduos na participação do Templo (At 13,16.26; 17,4.12.17; 18,4.17). Para Lucas “o templo é o

<sup>110</sup> ARBIOL, 2018, p. 178.

<sup>111</sup> ARBIOL, 2018, p. 88.

<sup>112</sup> MARGUERAT, 2003, p. 71.

<sup>113</sup> HAMMANN, 1997, p. 170-171.

centro da história da salvação, nele Jesus se manifestou com sabedoria (Lc 2,41-50) e ensinou o povo (19,47; 21,37; 24,53)".<sup>114</sup> No entanto, as orações também ocorriam fora do Templo e da Sinagoga, por exemplo, a oração dos cristãos através dos Salmos ao reunirem-se após a libertação de Pedro e João (At 4,23-30.31). Os cristãos além da herança judaica adaptaram o próprio estilo de oração de Jesus, como a oração dirigida ao Pai (Lc 11,2-4) com semelhanças as orações da Sinagoga, porém, ao poucos a oração cristã foi centralizando-se na prática de Jesus e adquirindo características próprias.<sup>115</sup>

O Pai-nosso, oração ensinada por Cristo:

[...] reunia a comunidade ainda que ela estivesse dispersa, e permitia a oração em qualquer lugar. Sabe-se ainda que os cristãos costumavam rezar de pé, com as mãos levantadas e as palmas abertas, semelhantes ao Cristo que estendera seus braços na cruz, assim, exprimiam pelo corpo o movimento da alma e seu desejo por Deus.<sup>116</sup>

Fundamental foi o testemunho dado pelos discípulos e discípulas através da vida de oração, inicialmente marcada pelo judaísmo, mas que aos poucos assume caráter próprio. Tudo volta-se para a vivência e anúncio da vida, morte e ressurreição de Jesus, apresentando um novo modo de ser comunidade, de fato, o caminho (At 9,2) nome pelo qual os cristãos também foram chamados, apresenta um modo novo para a vivência da fé.

Com efeito, o autor de *Atos* consegue apresentar uma comunidade unida e organizada (At 2,42-47; 4,23-35; 5,12b) diante da autoridade judaica hostil (At 4,1-3.17; 5,17s.33.40), confusa (At 4,13-17.21), dividida (At 5,21b-26.33-39). Ou seja, de um lado a harmonia, de outro, a divisão e o ódio.<sup>117</sup>

Lucas dispõe em seu texto as ações que marcam a vida dos cristãos primitivos: o testemunho de vida, a proclamação da fé em Jesus Cristo (*querigma*) e o ensinamento da Palavra de Deus (*didaskalia*), a comunhão fraterna (*koinonia*) e as orações em comunidade. A Eucaristia é a expressão mais viva da nova vida e a Palavra e pregação

---

<sup>114</sup> FABRIS, 1991, p. 77.

<sup>115</sup> BROWN, 2004, p. 404.

<sup>116</sup> HAMMANN, 1997, p. 171.

<sup>117</sup> MARGUERAT, 2003, p. 184.

ocupam um lugar central na vida das comunidades, sobretudo, aos que estão à frente. A ação pastoral é centrada no anúncio e testemunho, na celebração eucarística e na assistência aos pobres, decorrência da Palavra e Eucaristia.<sup>118</sup>

Por isso, é de grande importância conhecer e retomar os valores cristãos tão evidentes como fundamentos da prática cristã atual, inspirados nas atividades fundamentais exercidas pelas comunidades após Pentecostes possam aperfeiçoar a caminhada cristã atual.

De fato, os ensinamentos aqui expostos e contextualizados através da perícopes de Lucas podem ser tratados como algo distante de se alcançar plenamente, afinal a prática é exigente e possui seus desafios. No entanto, ao relacionar as características cristãs primitivas com a prática atual dos cristãos serão muitas as semelhanças, pois tratam-se de valores essenciais ensinados por Cristo. Por outro lado, é oportunidade de reforçar os pontos eficazes e aperfeiçoar aqueles que ainda padecem.

---

<sup>118</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 22.



### 3 A VIDA CRISTÃ COMUNITÁRIA NAS IGREJAS ATUAIS

Uma comunidade é essencial para o desenvolvimento de uma pessoa, isto vale também para o âmbito eclesial. O relato de Lucas, no livro *Atos dos Apóstolos*, evidencia a importância da comunidade de Jerusalém para o desenvolvimento da fé dos primeiros cristãos, sobretudo, o fortalecimento das primeiras comunidades seguidoras de Jesus.

Para os cristãos da comunidade de Jerusalém Jesus Cristo é o centro da missão que receberam. Seu Evangelho, ensinamentos e ações são testemunhados pelos discípulos e discípulas, um testemunho feito em comunidade através do ensino dos apóstolos, escuta da Palavra, prática da caridade e orações.

Nota-se que a prática cristã nascente é uma novidade em meio ao contexto difícil em que se encontram os cristãos no primeiro século. São muitos os desafios sociais, enfrentamentos políticos e principalmente os conflitos religiosos, pois “nos primeiros tempos as comunidades cristãs realizavam a perfeição da vida cristã, vivendo sua vida diária num mundo pagão”.<sup>119</sup>

Neste contexto, entre pagãos e judeus, o Cristianismo inicia sua caminhada, inspirados pelo Espírito e pela Palavra de Deus; os primeiros crentes realizam o anúncio da boa nova de Jesus. De fato, cada cristão da comunidade primitiva, em sua ação e missão evangelizadora, “não comunica a si mesmo, mas o Evangelho, a palavra, a presença transformadora de Jesus Cristo, na realidade em que se encontra”.<sup>120</sup>

Diante dessa caminhada realizada no início da fé cristã há muitos valores e ensinamentos que devem servir de inspiração para as Igrejas do tempo atual, principalmente as ações da Igreja de Jerusalém. Nos dias de hoje, encontram-se alguns aspectos semelhantes à Igreja nascente, mesmo após muitos séculos ainda é evidente o desafio do anúncio evangélico em um ambiente urbano, marcado pelo pluralismo religioso e com diferenças sociais e econômicas tão enraizadas.

---

<sup>119</sup> CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2009. p. 99.

<sup>120</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015. (Documento 102). p. 15; Doc. 102, 4.

Do mesmo modo que os primeiros cristãos, a Igreja hoje quer ser um espaço para a realização da vocação cristã, uma comunidade que se diferencia da sociedade pelo fato que não se forma pelos vínculos jurídicos ou simples objetivos em comum, mas uma dimensão de amor e comunidade de fé.<sup>121</sup>

Tanto as comunidades nascentes como as que se encontram no tempo atual, destacam-se pelo novo modo de ser comunidade que vivenciam na sociedade. A prática cristã, de ontem e de hoje, é chamada a viver a mesma vida de Cristo, no Espírito de Deus. Um Cristianismo aberto a todas as formas que possa assumir na variedade dos tempos e culturas.<sup>122</sup>

Por isso, é indispensável que os homens e mulheres que formam a comunidade cristã de hoje, conhecendo a prática cristã primitiva, questionem-se sobre o perfil da espiritualidade que desenvolvem no seu contexto eclesial. Não se trata de renovar estruturas retrocedendo ao passado saudoso, isso é impossível e desvalida os avanços e conquistas na evangelização moderna.

É na verdade, compreender e vivenciar os valores das primeiras comunidades cristãs, como pilares que sustentam a vida comunitária e espiritual. O intuito não é equivaler de forma total os dois contextos, mas demonstrar que os desafios se repetem na evangelização atual. As necessidades ainda são as mesmas, por isso, as ações da primeira comunidade, sua prática e valores são fundamentais para inspirar e renovar a Igreja do tempo presente.

Portanto, é fundamental, ainda que de modo breve, contextualizar as Igrejas de hoje através de suas características culturais e religiosas; ressaltando-se os desafios da pluralidade religiosa, o subjetivismo e o individualismo da prática cristã que aos poucos enraizaram-se nas comunidades.

Por fim, apresenta-se a prática dos primeiros cristãos como proposta de solução e adequação diante da transformação cultural e religiosa, de forma que seja possível vivenciar e transmitir os valores cristãos dos primeiros crentes, sem perder o sentido e missão dada pelo próprio Senhor.

### 3.1 AS COMUNIDADES MODERNAS E SEUS DESAFIOS

---

<sup>121</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 161.

<sup>122</sup> CATÃO, 2009, p. 59.



O atual contexto da sociedade é marcado por profundas mudanças e tendências, cujas consequências para a fé não são periféricas. A Igreja inserida em diversas culturas busca evangelizar e anunciar Jesus Cristo através de suas comunidades de fé, porém, já não encontra o ser humano tão disponível como fora em outros tempos, há uma nova sociedade, por isso, há necessidade de uma nova evangelização.

A Igreja, enquanto instituição divina e humana é também fator cultural, conseqüentemente, afirma Brighenti, “a ação pastoral, ainda que permeada pela graça do Espírito Santo, não deixa de ser uma ação humana, sujeita as contingências de qualquer ação”.<sup>123</sup> Assim procede o cenário em que se encontra a Igreja moderna, por vezes afrontada pelas transformações sociais e culturais, mas sempre presente como sinal de fé e salvação.

O que se entende por Igreja moderna é um tanto quanto difícil de definir, pois diversos são os termos como pós-moderno, contemporâneo, ultramoderno e assim por diante, dos quais muitos ainda em discussão. Para a Igreja, ressalta-se a mudança de época, de valores novos e mudanças culturais que marcam uma nova configuração da ação humana.<sup>124</sup>

Conforme Comblin, as mudanças na dimensão econômica, política, vida social, provocaram uma nova cultura. A essa cultura nova frequentemente atribui-se o sentido de modernidade. É nessa cultura moderna que a Igreja encontra-se inserida, busca espaço e atua com sua evangelização.<sup>125</sup>

Entre as diversas mudanças culturais da sociedade destaca-se a transformação de um modelo de sociedade até então sagrada, estética e objetiva, cedendo lugar à secularização, mobilidade, pluralismo e subjetivismo. Estes aspectos, por sua vez, refletem no âmbito do sagrado, que tende a privatização, mobilidade e desterritorialização da vivência de fé.<sup>126</sup>

---

<sup>123</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 19.

<sup>124</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 2. ed. Brasília: CNBB et. al, 2007. p. 32; Dap. 44.

<sup>125</sup> COMBLIN, José. **Cristãos rumo ao século XXI**: nova caminhada de libertação. São Paulo: Paulus, 1996. p. 252.

<sup>126</sup> REINERT, João F. **Pode hoje a paróquia ser uma comunidade eclesial?** Repensando a paróquia em diálogo com a religiosidade pós-moderna. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 11.

Na sociedade moderna os conceitos como ordem, dogma, instituições hierárquicas, cedem lugar à flexibilidade, à subjetividade, ao ceticismo e desconfiança diante de todo e qualquer discurso que advoga verdades absolutas. Para os homens e mulheres, principalmente entre os jovens, não existem mais critérios universais ou absolutos.<sup>127</sup>

Assim, nota-se que na busca da realização imediata sendo a mobilidade uma das características determinantes, surge assim uma religiosidade em pleno movimento, peregrina. O ser humano busca seu lugar em algum movimento, por isso, experimenta várias religiões:

Assediado pela diversidade religiosa à sua disposição, ele transita livremente, sem qualquer sentimento de culpa, entre as várias opções religiosas existentes na busca da construção de sua identidade sociocultural religiosa.<sup>128</sup>

Segundo Comblin, atualmente têm-se “um grande mercado de religiões em que cada um escolhe livremente e não sente-se constrangido nem pela família, nem pela vizinhança”.<sup>129</sup> Assim, o campo religioso é vasto, entre as diversas expressões destacam-se os fenômenos neopentecostais, sincretismo, religiosidade não institucionalizada, esoterismo. Não se trata apenas de evangelização cristã, mas de convivência com credos e doutrinas que muitas vezes não vão ao encontro da proposta do Reino anunciado por Jesus.

Diante desta diversidade religiosa, nas cidades do tempo moderno não há mais garantias de transmissão da religião dos pais para os filhos. Essa crise de valores perpassa não somente o religioso, mas afeta as escolas, famílias e o próprio Estado. Houve um tempo em que a transmissão era realizada pela família, como herança, pela cultura e tradição marcantes.<sup>130</sup> Estes últimos aspectos, relacionados a transmissão familiar e comunitária, como visto nos capítulos anteriores, foram fundamentais para o estabelecimento e crescimento do cristianismo primitivo.

Conforme Brighenti, “com o avanço da liberdade religiosa e da autonomia das subjetividades, pouco a pouco supera-se o catolicismo

<sup>127</sup> REINERT, 2010, p. 12.

<sup>128</sup> REINERT, 2010, p. 20.

<sup>129</sup> COMBLIN, José. **Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização.** Petrópolis: Vozes, 1999. p. 13.

<sup>130</sup> COMBLIN, 1999, p. 11.

cultural, como costume social herdado”.<sup>131</sup> Em vista disso, muitos não se fazem católicos e cristãos por influência da família como antigamente, por isso a necessidade da evangelização de adultos, onde cada um é convidado assumir sua fé apoiados pela comunidade eclesial.

Neste novo tempo, o moderno, está claro que a transmissão não ocorre mais da mesma forma. Diante de culturas policêntricas, ou seja, várias fontes oferecem diferentes leituras da realidade, significa que já não existe mais um princípio norteador para todo o social. O que vivencia-se na sociedade é fruto de um longo processo, no qual cada setor da sociedade, entre os principais estão o político, econômico e o religioso, começam a estruturar e impor-se tendo em si mesmos a sua própria fonte de sentido.

É neste contexto que a Igreja deve promover a evangelização. Uma sociedade cercada de religiosidade centrada no indivíduo, que valoriza o caminho privado, pessoal, e insiste na experiência com Deus sem o intermédio institucional e até mesmo sem a relação com o outro. De maneira geral, buscam alimentar uma religiosidade própria, e de forma grave, já não procuram uma vida comunitária paroquial.<sup>132</sup>

Efetivamente, há um novo modo de vida moderno, marcado por novos valores, objetivos e sentidos. Uma evidente transição do que era rígido ao flexível, do fixo ao móvel, do coletivo ao individualista. O ser humano, em sua maioria, desenvolveu-se com forte tendência a não criar mais vínculos, vive sem raízes, evitando envolver-se, ao menos num primeiro momento, com a comunidade que o cerca de forma que “a modernidade significou a vitória do individualismo sobre a solidariedade e o amor, tal como concebidas nas civilizações tradicionais”.<sup>133</sup>

Embora se constate o fechamento da maioria da sociedade moderna para aquilo que é sagrado e comunitário, constatam-se também alguns aspectos positivos que promoveram crescimento ao ser humano. A pluralidade religiosa que permite uma mobilidade entre as religiões demonstra que há uma necessidade intrínseca de busca pelo sagrado por grande parte dos seres humanos.

Nota-se ainda que em meio ao avanço da ciência e da técnica, que proporcionam conforto e bem-estar, houve uma maior compreensão a respeito da promoção da mulher, valorização das minorias étnicas,

---

<sup>131</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 97.

<sup>132</sup> REINERT, 2010, p. 23.

<sup>133</sup> COMBLIN, 1996, p. 83.

destacando ainda a luta pela justiça, paz e ecologia. Estas mudanças afetam os critérios de compreensão, valores mais profundos, a partir do quais se afirmam identidades e se estabelecem ações. O desafio é justamente este, em meio a tantas mudanças, revigorar os valores cristãos para que o testemunho e anúncio permaneçam.<sup>134</sup>

Também a vivência da fé deixa de ser algo por costume de família ou apenas por manter um costume dos pais. Pelo contrário, ser cristão nos tempos atuais se tornou uma escolha pessoal, adesão, na qual homens e mulheres buscam uma conversão mais sincera e uma prática cristã verdadeira.<sup>135</sup>

Portanto, a dinâmica deste tempo é outra, trata-se agora de escolha, de adesão pessoal. Há uma participação intensa do próprio sujeito no processo de busca e conhecimento do sagrado. Por isso, aqui está um ponto chave para a nova evangelização, favorecer aos indivíduos uma profunda experiência de Deus, através do outro e principalmente, propiciar uma abertura para a vivência comunitária da fé.

Diante disso, o magistério da Igreja, através do papa e dos bispos, atentos a este novo modo de sociedade, busca identificar os desafios que a evangelização enfrenta a fim de encontrar propostas e ações para que a fé seja transmitida de modo eficaz. A evangelização, seus desafios diante da cultura moderna e a importância do anúncio de Jesus, iniciado pela primeira comunidade cristã, são ressaltados em diversos documentos, com o objetivo de auxiliar cada homem e cada mulher a responder ao convite salvífico de Deus em comunidade.

### 3.2 EXORTAÇÕES DO MAGISTÉRIO DA IGREJA PARA A VIDA EM COMUNIDADE

Evidentemente, não se pretende aprofundar os documentos da Igreja em sua totalidade, mas destacar diversos aspectos e recomendações da Igreja ao longo de sua caminhada para a nova evangelização. Diante de uma nova cultura e uma nova sociedade, instável e individualista, busca anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, ensinamento tão antigo que se faz novo, firme e comunitário, justamente nesta dinâmica de contradição busca ser sinal no mundo.

---

<sup>134</sup> CNBB, 2015, p. 26; Doc. 102, 19.

<sup>135</sup> REINERT, 2010, p. 17.

Muitos são os documentos da Igreja, com temas diversos e específicos, mas que têm centralidade no ministério de Jesus e o anúncio da Salvação para o mundo. Destacam-se nesta pesquisa os documentos que se voltam para a evangelização e espiritualidade cristã, principalmente as publicações que impelem as comunidades de hoje a retomarem o espírito das primeiras comunidades cristãs.

Primeiramente, a transformação realizada pelo Concílio Vaticano II. Através de diversas discussões, estudos, documentos, muitos ainda sendo objeto de discussões, os papas e bispos do Concílio inspirados pelo Espírito de Deus, buscaram promover uma renovação no jeito de ser Igreja e vivenciar a fé. Pode-se afirmar que:

Diante de uma Igreja-sociedade optou por uma Igreja-mistério, diante de uma Igreja sociedade desigual, optou por uma Igreja Povo de Deus, diante de uma Igreja-sociedade perfeita, optou por uma Igreja sacramento de comunhão, diante de uma Igreja de todos, optou por uma Igreja, sobretudo, dos pobres e pequenos.<sup>136</sup>

Assim o Vaticano II redefiniu a Igreja como Povo de Deus e adotou uma nova orientação de sua ação no mundo, tentando superar os desafios que se apresentavam ao novo tempo, tendo por base a revisão de diversos temas da Igreja, como liturgia, sacerdócio, evangelização entre outros, e consequentemente buscou revalorizar a experiência cristã.<sup>137</sup>

O Vaticano II passa então a ser referência para todas as demais decisões do magistério da Igreja, com seus ensinamentos perpassando todos os estudos, pronunciamentos, orientações e exortações. A insistência de voltar-se e inspirar-se nas comunidades primitivas é constante na maioria dos documentos, evidenciando o exemplo fundante deixado pelas primeiras comunidades de crentes em Jesus.

Muito importante é a atitude da Igreja que, diante de seu tempo e cultura, volta o olhar para si mesma buscando saídas e estratégias para sua ação evangelizadora. Nos recentes documentos do magistério da Igreja é citado o exemplo das primeiras comunidades cristãs. Conforme

---

<sup>136</sup> ALMEIDA, Antonio J. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 184.

<sup>137</sup> CATÃO, 2009, p. 94.

Papa Francisco, elas possibilitam a renovação da Igreja e uma melhor experiência com a pessoa de Jesus de modo que:

Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre nova.<sup>138</sup>

Em meio às dificuldades e insucessos, as comunidades cristãs primitivas transmitiram a mensagem de Jesus, não perderam a esperança e mantiveram fidelidade ao Reino de Deus, a ponto da comunidade tornar-se um refúgio para os cristãos que viviam numa sociedade de contrastes.

A paróquia atualmente é a comunidade de cristãos, marcadas por um contexto social diferente, mas com desafios semelhantes. Por isso, muitos aspectos precisam ser recuperados e outros revistos, diante das mudanças de época é necessário acentuar o sentido comunitário da fé cristã.<sup>139</sup>

Este sentido comunitário cristão é revelado na experiência da comunidade apostólica, que demonstra a própria natureza da Igreja enquanto mistério de comunhão com Cristo no Espírito Santo.<sup>140</sup> É essa comunhão que deve ser recuperada nas comunidades atuais, pois o cristão encontra-se “diante da tentação muito presente na cultura atual, de ser cristãos sem Igreja e das novas buscas espirituais

---

<sup>138</sup> FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2014. p.12; EG 11.

<sup>139</sup> CNBB, 2014, p. 23; Doc. 100, 106.

<sup>140</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 243; Dap. 547.

individualizadas”.<sup>141</sup> Cada vez mais é necessário reafirmar que a fé em Jesus Cristo se dá através da comunidade eclesial, que a essência da vida cristã é a vida em comunidade.

Diante disso, o livro dos *Atos* torna-se fonte preciosa que descreve o testemunho dos discípulos e discípulas que anunciaram Jesus Cristo. Desse anúncio inicia-se a vivência de fé dos primeiros cristãos, de fato não há discipulado sem comunidade. Por isso, as primeiras comunidades cristãs devem ser continuamente retomadas como uma referência indispensável, fonte inspiradora e criadora para a Igreja.<sup>142</sup>

Ainda que, o texto bíblico aborde a comunidade de Jerusalém no contexto de Lucas, aplica-se também na atualidade onde os cristãos devem se perguntar sobre a sua identidade e prática cristã comunitária. Afinal, de que maneira se dá a experiência comunitária dos cristãos atualmente? Tais questionamentos já eram levantados no Sínodo dos Bispos, em 1974, perguntando-se sobre a eficácia da Igreja nos novos tempos:

O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz?<sup>143</sup>

Para responder estas questões é necessário um olhar para a realidade em que se encontra, mas também o retorno às fontes, ao início da caminhada cristã. Segundo Catão, os bispos, perpassando as conferências de Medellín (1968), considerando Puebla (1978), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), sempre destacaram a importância

---

<sup>141</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 82; Dap. 156.

<sup>142</sup> MOSCONI, 2001, p. 189.

<sup>143</sup> PAULO VI. **Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Vaticano: 1978; EN 4. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pauli/pt/apost\\_exhortation\\_s/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/pauli/pt/apost_exhortation_s/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso em: 25 abr. 2019.

para a evangelização de se ter uma fé inspirada nos primeiros cristãos e relacionando-a com o cotidiano.<sup>144</sup>

Deste modo, as exortações da Igreja são unânimes em destacar a importância dos valores cristãos primitivos para a vivência da fé nas comunidades atuais. Por isso, através dos documentos *Verbum Domini*, *Dei Verbum*, *Evangelii Gaudium*, *Evangelii Nuntiandi* é possível apresentar a importância do ensino apostólico, da oração, da comunhão fraterna e da fração do pão, como alicerces da vida comunitária nas igrejas no mundo atual.

No Brasil, os bispos ressaltam no importante documento, *Comunidades de comunidades: uma nova paróquia*, o quanto “é urgente uma revitalização da comunidade paroquial para que nela resplandeça cada vez mais a comunidade acolhedora, samaritana, orante e eucarística”.<sup>145</sup>

Diante desta urgência, a busca e aprofundamento das características fundamentais da vida comunitária, principalmente a prática da comunhão fraterna e a fração do pão, devem ser retomadas nas Igrejas correntes. É possível retomar estes ensinamentos nas comunidades inseridas em novo contexto, por conseguinte, ocorrerá o amadurecimento e crescimento da fé cristã, ao voltar sua espiritualidade e mística para o testemunho dos primeiros seguidores de Jesus em comunidade.

### 3.3 ENSINO DOS APÓSTOLOS HOJE

Os discípulos e discípulas foram fiéis na missão que receberam de seu mestre Jesus. Eles desenvolveram com muito êxito o anúncio da ressurreição de Jesus e seus ensinamentos, testemunhando o Evangelho. Com a força da Palavra e do Espírito Santo propagaram a Boa-nova por toda a terra e sua mensagem persiste até os dias de hoje, presente, viva e atuante.

Com certeza, estes primeiros passos dos seguidores e seguidoras promoveram a expansão da mensagem de Jesus. A pregação dos primeiros cristãos, realizada pelo anúncio da Palavra, seguido de aprofundamento e interiorização, atualizada através da homilia, ensinada pelas catequeses e, acima de tudo, testemunhada.

---

<sup>144</sup> CATÃO, 2009, p. 142-143.

<sup>145</sup> CNBB, 2014, p. 14; Doc. 100, 56.



De fato, hoje o anúncio do Evangelho percorre o mesmo caminho, ensinando através da pregação, anunciando a Palavra, principalmente na catequese e nas homilias dos sacerdotes. Porém, mostrar-se adiante que são estes os pontos principais que necessitam de um renovado ardor evangélico.

Destaca-se, na encíclica *Evangelii Nuntiandi*, que a Igreja como evangelizadora é a primeira que deve ser evangelizada, começando por si mesma. Como comunidade de amor fraterno, crentes reunidos, “ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor”.<sup>146</sup> O principal responsável por este anúncio, mas não somente, é o sacerdote que está responsável pela animação pastoral, o primeiro evangelizador.

A homilia realizada pelos apóstolos de hoje é um importante meio, valioso e bem adaptado para o anúncio do Evangelho e motivação da comunidade reunida. De modo que o Concílio Vaticano II, ao destacar o lugar da Palavra de Deus em todas as celebrações litúrgicas, também a colocou em destaque. Entende-se por homilia a atualização da Palavra de Deus realizada pelo presidente da celebração litúrgica, nela o testemunho é uma evangelização implícita, por onde deve começar qualquer processo evangelizador.<sup>147</sup>

Sendo assim, também são evangelizadores principais, além do sacerdote, os diáconos e ministros da Palavra. São estes pregadores que devem favorecer uma compreensão eficaz da Palavra de Deus na vida dos fiéis, de tal forma que, ao saírem da celebração, possam viver o que ouviram e tornem-se anunciadores do que escutaram e celebraram. Não se trata de qualquer anúncio ou mensagem, mas de um ensinamento que chega ao coração da pessoa e transforma o agir de cada um, promovendo o acolhimento e o serviço na comunidade.<sup>148</sup>

Cabe aos Pastores da Igreja, no uso da homilia, o cuidado em remodelar com prudência, ousadia e fidelidade o anúncio da Palavra proclamada. Conforme a *Evangelii Nuntiandi*, para comunicar a mensagem evangélica aos homens e mulheres do nosso tempo de forma eficaz e transformadora, se faz necessário

---

<sup>146</sup> PAULO VI, 1978, não paginado; EN 15.

<sup>147</sup> BRIGHENTI, 2011, p.123.

<sup>148</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Discípulos e servidores da palavra de Deus na missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2012. (Documento 97). p. 43; Doc. 97, 56.

ter uma verdadeira sensibilidade espiritual para saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus. É preciso, naturalmente, conhecer as exigências e tirar rendimento das possibilidades da homilia, a fim de ela alcançar toda a sua eficácia pastoral. E é, sobretudo, necessário estar-se convencido e dedicar-se à mesma homilia com amor.<sup>149</sup>

Alguns problemas na homilia podem ocorrer se não houver este amor, sensibilidade e dedicação que nos exorta o papa. Por vezes, em diversas comunidades, há “a improvisação ou a falta de preparação por parte do pregador, expondo a assembleia ao tédio ou, que é mais grave, ao desapareço pela própria Palavra de Deus”.<sup>150</sup>

De fato, há discursos vazios que provocam cansaços em toda a assembleia, mas estes não devem diminuir a permanente validade da Palavra, nem levar a perder a confiança nela. A Palavra continua a ser atual e portadora da força divina, é fonte de fé e caminho para encontro com o Senhor.

O zelo pelo anúncio da Palavra, através da pregação e homilia, é de suma importância para a espiritualidade de uma comunidade. Concomitantemente a este anúncio, encontra-se a catequese que foi fundamental no ensino dos primeiros cristãos, sendo um meio permanente de evangelização nas comunidades cristãs. É do ensino catequético que resulta a adesão de fé na vida das primeiras comunidades.

Portanto, a catequese merece grande empenho e não deve ser descuidada na evangelização. As crianças e adolescentes, na força de sua inteligência, necessitam aprender o conteúdo vivo da verdade que Deus transmitiu ao povo. Isso deve acontecer através de um ensino dinâmico, acolhedor e fraterno.<sup>151</sup> A catequese traz consigo importantes consequências, para a ação evangelizadora. Não se trata de um ensino aos moldes escolares, mas requer acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus, promovendo adesão à vida comunitária.<sup>152</sup>

A catequese de hoje não possui tanto o aspecto apologético como a dos primeiros cristãos. Na nova catequese o catequisando é sujeito,

---

<sup>149</sup> PAULO VI, 1978, não paginado; EN 43.

<sup>150</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 122.

<sup>151</sup> PAULO VI, 1978, não paginado; EN 44.

<sup>152</sup> CNBB, 2015, p. 43; Doc. 102, 45.

fazendo uma verdadeira experiência dos conteúdos da fé anunciados e acolhidos na vida. Ela é um momento privilegiado de aprofundamento da fé, com objetivo de maior participação na Igreja e na sociedade, é a base de todas as ações eclesiais.<sup>153</sup>

O anúncio da Palavra, sua atualização através da homilia e do ensino catequético, será ineficaz se não for seguido do testemunho nas ações diárias. O anúncio precisa ser ouvido, acolhido, assimilado, fazendo brotar no coração das pessoas a adesão sincera a uma nova vida, vida transformada, uma nova maneira de ser e de viver, de estar junto com os outros, inaugurada pelo Evangelho. A adesão não deve permanecer desencarnada ou abstrata, ela deve ser visível em uma comunidade de fiéis.<sup>154</sup>

### 3.4 FRAÇÃO DO PÃO

Nas primeiras comunidades de fiéis cristãos as refeições eram nutridas pela fraternidade. A solidariedade entre seus membros ao celebrar a fé era marcada pela alegria do banquete de Jesus. Este banquete é central no Cristianismo, como memorial da antiga e nova Aliança, recordando a ceia judaica e rememorando a última ceia de Jesus com seus discípulos.

A última ceia torna-se muito mais que uma refeição, ela ao ser celebrada pelos cristãos passa a ser celebração da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus, é o anúncio do Reino de Deus recebido do Cristo ressuscitado. Dessa maneira, o partir do pão continua a acontecer no Cristianismo atual, ao realizar a santificação do domingo através da Santa missa. Nestas celebrações a comunidade de fé é alimentada pelo próprio Senhor:

A comunhão da Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. A Eucaristia, participação de todos no mesmo Pão da Vida e no mesmo Cálice de Salvação, nos faz membro do mesmo Corpo.<sup>155</sup>

Papa Francisco, em sua exortação, afirma que a fé cristã é sempre uma fé em comunidade, justamente por essa razão, deve gerar

---

<sup>153</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 97.

<sup>154</sup> PAULO VI, 1978, não paginado; EN 23.

<sup>155</sup> ALMEIDA, 2009, p. 164.

comunhão entre os seus membros. Essa comunhão é evidenciada na celebração eucarística, ou seja, a fração do pão deve ser o ápice da prática espiritual das comunidades. Certamente a Palavra de Deus ouvida e celebrada em comunidade, descobre na Eucaristia uma fonte que “alimenta e reforça interiormente os cristãos e torna-os capazes de um autêntico testemunho evangélico na vida diária”.<sup>156</sup>

No início da Igreja as celebrações aconteciam nas casas em que os cristãos eram acolhidos, uma verdadeira Igreja doméstica. Por sua vez, no tempo moderno, a Igreja é casa e escola de comunhão onde os seus discípulos compartilham a mesma fé, esperança, amor e serviço ao próximo na evangelização. Desta maneira, alimentados pela Palavra e pela Eucaristia, mais uma vez os homens e mulheres são convocados a viver os valores cristãos em sua casa, tornando-a templo de Deus.<sup>157</sup>

Para Brighenti, a Eucaristia enquanto sinal sensível de um mistério que se celebra na fé, exige a ação pastoral da assembleia celebrante. Se o ato litúrgico não for prolongado na vida cotidiana, nas esferas pessoal, comunitária e social, não passará de um simples ato vazio.<sup>158</sup>

As comunidades são convidadas a inspirar-se na mesa eucarística dos primeiros cristãos, marcada pela alegria e solidariedade, refletida na ação cotidiana de seus membros. Uma Igreja que compreende o valor da Eucaristia terá nela a fonte de renovação, uma comunidade renovada em Cristo. Por isso o esforço em ser comunidade eucarística, desta perseverança nasce o encontro com Jesus na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade.<sup>159</sup>

Assim, a comunidade deve se alimentar de Jesus eucarístico, através de seu banquete, a santa missa, pois “de especial modo, na celebração eucarística, torna-se visível a única fonte da salvação, Cristo, que nos alimenta com sua palavra e seu Corpo”.<sup>160</sup> Esta é a finalidade da santa liturgia, fazer a comunidade ser cada vez mais fraterna e sacramento do reino. Ser também serviço no mundo, a toda humanidade, para que o Reino de Deus visível na Igreja seja também na sociedade.<sup>161</sup>

---

<sup>156</sup> FRANCISCO, 2014, p. 143; EG 174.

<sup>157</sup> ALMEIDA, 2009, p. 165.

<sup>158</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 109.

<sup>159</sup> ALMEIDA, 2009, p. 166.

<sup>160</sup> CNBB, 2012, p. 23; Doc. 97, 19.

<sup>161</sup> BRIGHENTI, 2011, p. 110.

### 3.5 A PALAVRA TORNA-SE COMUNIDADE ORANTE

Retomar os ensinamentos das primeiras comunidades cristãs, inspirada na comunidade de Jerusalém, é reconhecer um itinerário seguro para a espiritualidade de toda pessoa cristã dos dias atuais. Os primeiros cristãos eram, em grande parte, formados pela cultura religiosa judaica, outros eram pagãos convertidos, e alguns ainda apenas tementes a Deus, sem aderir à prática judaica em sua totalidade. Porém, é notável nos cristãos do primeiro século o zelo e dedicação para cultivar uma vida de oração.

As orações, ainda que ligadas aos diversos preceitos e costumes dos judeus, faziam dos cristãos fiéis assíduos às orações no Templo. Também era central a importância da Torá, com todos os seus ensinamentos ao qual a comunidade reunida buscava proclamar a Palavra de Deus. Mas as orações iam além do templo e da escuta, ela suscita nos cristãos de Jerusalém a prática do servir ao outro, do amor a Deus e ao próximo. Duas atitudes se apresentam como inspiração, ao menos como provocação de revisar a prática cristã da oração atual.

Torna-se fundamental, portanto, retomar a prática da oração individual e comunitária, característica apresentada por Lucas e presente desde o primeiro século. Faz-se necessário experimentar um encontro verdadeiro com Deus que modifique as escolhas e ações do ser humano através de dois aspectos principais: a oração e as Sagradas Escrituras.

Primeiramente a respeito das Sagradas Escrituras. De maneira geral, há dois modos fundamentais de relacionar-se com a Sagrada Escritura, uma pela fé e outra pela razão. Por um lado, é necessária uma fé que, mantendo uma adequada relação com a razão, nunca acabe em fideísmo, resultando em leituras fundamentalistas. Por outro, é necessária analisá-la e verificar sua aplicabilidade na prática cristã de forma a deixar-se transgredir por ela, pois a Palavra está voltada primeiramente a atuar na vida e história do ser humano bem como para sua salvação.<sup>162</sup>

Por vezes, o diálogo entre Deus e seus filhos e filhas foi entendido como adesão do intelecto e da vontade. Após o Concílio Vaticano II, passa-se a compreender essa atitude em termos de diálogo e abertura. Ou seja, na compreensão atual da Igreja, Deus não apenas

---

<sup>162</sup> BENTO XVI, 2011, p. 96; VD 49.

fala para instruir, mas no acolhimento das orações, toca profundamente na forma de um encontro.<sup>163</sup>

Além disso, as Escrituras ensinam com certeza e sem erro a verdade de Deus que conduz o ser humano ao conhecimento de Deus e para sua salvação. Por isso, “toda a Escritura é divinamente inspirada e útil para ensinar, para corrigir, para instruir na justiça: para que o homem de Deus seja perfeito, experimentado em todas as obras boas”.<sup>164</sup>

A Igreja tem conhecimento do quanto é necessário redescobrir o contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus como lugar privilegiado de encontro com Jesus. As novas gerações necessitam serem introduzidos na Palavra através de um encontro verdadeiro, mas não apenas a Palavra é preciso também testemunho de um adulto, bem como, influência da comunidade eclesial.<sup>165</sup>

Apesar de muitas pessoas cristãs terem acesso à Palavra, muitos ainda não alcançaram aquilo que foi transmitido pelos Apóstolos e pelas primeiras comunidades. As características presentes na perícopé analisada possuem uma autêntica vivência da Palavra, abrangendo tudo o que contribui para a vida santa do Povo de Deus e para aumentar a sua fé.

Porém, ter acesso as Escrituras não significa fazer uso ou experimentá-la profundamente como fizeram os primeiros cristãos. Pois em meio ao trabalho e estudos, no dia-dia surgem novos desafios para uma vivência profunda da Palavra Sagrada de Deus e da participação comunitária, mas estes podem ser superados à luz da experiência dos primeiros discípulos cristãos.

O segundo aspecto, a prática da oração, está profundamente interligada às Sagradas Escrituras, portanto, é um dos grandes exemplos a ser seguido por todos. Na oração individual ou comunitária encontra-se um Deus que se revela e busca dialogar com os homens e mulheres, pois “Deus invisível na riqueza do seu amor fala aos homens como a

---

<sup>163</sup> CNBB, 2012, p. 17; Doc. 97, 8.

<sup>164</sup> CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965, não paginado. Vaticano. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651118\\_dei-verbun\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbun_po.html)>. Acesso em: 28 jun. 2018; DV 11.

<sup>165</sup> CNBB, 2015, p. 45; Doc. 102, 49.

amigos e convive com eles, para os convidar e admitir à comunhão com Ele”.<sup>166</sup>

Uma das formas desta comunhão com Deus é a leitura da Palavra Sagrada, não uma simples leitura, mas uma leitura consciente de que:

[...] Todo o homem aparece como o destinatário da Palavra, interpelado e chamado a entrar, por uma resposta livre, em tal diálogo de amor. Assim Deus torna cada um de nós capaz de escutar e responder à Palavra divina. O homem é criado na Palavra e vive nela; e não se pode compreender a si mesmo, se não se abre a este diálogo. A Palavra de Deus revela a natureza filial e relacional da nossa vida.<sup>167</sup>

Este contato íntimo com as Escrituras, mediante a leitura assídua e meditada, é fundamental para que a pregação não se torne superficial e sem frutos. Isso é ressaltado na constituição conciliar *Dei Verbum*: “Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem. Pois a Ele falamos ao rezar e a Ele escutamos ao ler a Palavra”.<sup>168</sup>

Para uma leitura mais proveitosa da Bíblia no dia a dia, o Papa Francisco motiva a prática da *Lectio divina*, isto é, “trata-se da leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove”.<sup>169</sup> A leitura orante em todos os textos da Sagrada Escritura, com seus quatro momentos: a leitura, meditação, oração e contemplação voltada para ação, promove o encontro pessoal com Deus “semelhante ao modo de tantos personagens do Evangelho [...] iluminados e recriados porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai, que se oferece por sua Palavra de verdade e vida”.<sup>170</sup>

Este método permite escutar o que o Senhor quer dizer através da meditação. Com isso, segue-se o exemplo dos discípulos de Jesus, que buscaram na Palavra Sagrada as motivações e o sustento para a vida

---

<sup>166</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; DV 2.

<sup>167</sup> BENTO XVI, 2011, p. 47; VD 22.

<sup>168</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; DV 25.

<sup>169</sup> FRANCISCO, 2014, p. 126; EG 152.

<sup>170</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 117; Dap. 249.

comunitária da Igreja nascente. Dessa maneira, todo fiel é convidado a colocar a Palavra de Deus como fundamento de sua vida espiritual através da oração. Diante da experiência cristã dos primeiros fiéis homens e mulheres deste tempo, o moderno, poderão compreender que “o Cristianismo é a religião da Palavra de Deus, não de uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo”.<sup>171</sup>

Os bispos do Brasil, animados e fortificados pelo documento do Papa, *Verbum Domini*, demonstram na apresentação do documento 97 da CNBB, a importância da Palavra de Deus na vida dos discípulos e discípulas servidores na missão:

A palavra de Deus não são meras palavras. A palavra é uma pessoa que fala e fala a outra pessoa. E, por ser pessoa, busca e estabelece uma relação. [...] Assim desenrolando o livro em comunidade, a palavra encontra a nossa pessoa, fazendo nascer uma relação de gratidão e gratuidade; abre nossos ouvidos e os nossos olhos, concede a grandeza de sermos filhos e filhas de Deus; renova a disposição de servir, concede alma aos nossos gestos e palavras, amacia o coração e solta nossa língua, enviando-nos em missão.<sup>172</sup>

Certamente a “evangelização requer a familiaridade com a Palavra de Deus, por isso, é importante que as dioceses, paróquias e todos os grupos proponham um estudo sério e perseverante da bíblia e promovam igualmente a sua leitura orante pessoal e comunitária”.<sup>173</sup> Assim, a Palavra de Deus, é alimento, iluminando e certamente orientando desde a ação pastoral até transbordar para a vida diária das pessoas e grupos, torna-se luz para o caminho de todos.<sup>174</sup>

Atualmente a leitura orante da bíblia realizada nas casas através das famílias reunidas para a partilha da Palavra é um importante meio de evangelização e testemunho da Palavra. Destes pequenos grupos de reflexão bíblica podem surgir vocações para os serviços e ministérios: o cuidado aos doentes, a visita aos migrantes, a catequese, a celebração da

---

<sup>171</sup> BENTO XVI, 2011, p. 18; VD 7.

<sup>172</sup> CNBB, 2012, p. 10, Doc. 97.

<sup>173</sup> FRANCISCO, 2014, p. 144; EG 175.

<sup>174</sup> CNBB, 2015, p. 36; Doc. 102, 33.



Palavra, o acompanhamento aos enlutados, a preocupação com os pobres, a preparação ao Sacramento do Batismo e outros.<sup>175</sup>

Conforme o Papa Francisco afirma em sua exortação, a presença de Deus nas casas não precisa ser criada, mas sim descoberta e desvelada, pois “Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta”.<sup>176</sup> Nos pequenos grupos bíblicos, na simplicidade e corações sinceros, promove-se o encontro com Jesus em sua Palavra viva, despertando as pessoas para a solidariedade, a fraternidade, e para o desejo do bem, da verdade e da justiça social.

Desta forma agiram os discípulos e discípulas da comunidade de Jerusalém, colocando-se a serviço da Palavra e das pessoas. Através de uma profunda relação entre os homens e Palavra de Deus, promoveram a evangelização e a conversão de muitas pessoas. Deve-se hoje reafirmar nos fiéis que a ação evangelizadora está fundada sobre a Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada, sendo assim desde as origens dos textos sagrados.<sup>177</sup>

Portanto, aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se em nome de Jesus para em unidade buscarem, edificarem e viverem o Reino de Deus. Os cristãos quando reunidos, constituem uma comunidade também ela evangelizadora.<sup>178</sup>

Muito importante é ter a Sagrada Escritura como fonte de toda evangelização e oração. É através dela que a comunidade se fortalece, pois o “fundamento da comunidade está na Palavra de Deus e na Eucaristia. A Leitura Orante da Bíblia e os Círculos Bíblicos são importantes para que a Palavra determine a caminhada”.<sup>179</sup>

Contudo, a caminhada requer o testemunho da própria vida, isso está presente na consciência cristã desde suas origens e deve ser retomado entre aqueles que hoje se encontram com Deus pela meditação e escuta da Palavra. A Palavra de Deus, presente nas Sagradas Escrituras, deve ser conhecida, rezada, vivida e anunciada em nossas dioceses, paróquias e comunidades. Porém, ela deve também

---

<sup>175</sup> CNBB, 2014, p. 46; Doc. 100, 252.

<sup>176</sup> FRANCISCO, 2014, p. 62; EG 71.

<sup>177</sup> FRANCISCO, 2014, p. 143; EG 174.

<sup>178</sup> PAULO VI, 1978, não paginado; EN 13.

<sup>179</sup> CNBB, 2014, p. 46; Doc. 100, 252.

transformar pessoas e comunidades, tornando-se inspiração de vivência cristã, engajamento comunitário e de compromisso transformador.<sup>180</sup>

### 3.6 A COMUNHÃO FRATERNA CRISTÃ

A comunhão fraterna na comunidade de Jerusalém é apresentada por Lucas como *koinonia*, ou seja, seu sentido é voltado para a amizade e companheirismo na comunidade. Assim, a comunidade de crentes em Jesus tinham tudo em comum, partilhando da mesma fé, formavam uma só alma. Essa comunhão existencial estende-se para a partilha dos bens materiais, deste modo, não havia necessitados na comunidade cristã nascente.

A comunhão de vida através da fé, bem como a partilha dos bens, são qualidades que precisam existir nas comunidades da Igreja do contexto atual. Nestes aspectos é necessária uma grande conversão pastoral, uma descoberta de Jesus Cristo que liberte o ser humano para um vida nova, uma vida aberta ao outro, a vida comunitária. Não uma conversão que o aprisione a um Cristianismo fechado e abstrato, pois é evidente que uma conversão verdadeira lançará o indivíduo para uma vivência comunitária.<sup>181</sup>

Certamente, uma práxis cristã com base em interesses pessoais, acaba por reduzir o Evangelho tornando-o sem resultado. A fé não deve ser um caminho construído a margem da comunidade eclesial e da sociedade, ele necessariamente passa pela vida do outro. Assim, a salvação é proposta divina que requer resposta humana, implicando em nova mentalidade e novos valores.<sup>182</sup>

A ação cristã é evidenciada através da Igreja que é “comunidade na qual o Reino é agora experimentado e celebrado, e onde já se anuncia, como numa aurora, o futuro cumprimento do grande desígnio de Deus para a criação”.<sup>183</sup> Para que de fato o Reino de Deus seja anunciado, a comunhão fraterna e dos bens materiais deve ser retomada com força pela Igreja diante dos desafios atuais do mundo de desigualdades e exclusões em que se encontra a sociedade.

---

<sup>180</sup> CNBB, 2012, p. 30; Doc. 97, 31.

<sup>181</sup> COMBLIN, 1999, p. 26.

<sup>182</sup> REINERT, 2010, p. 43.

<sup>183</sup> FUELLENBACH, Jonh. **Igreja: comunidade para o reino**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 9.

Fortes impactos tem a globalização sobre os mais pobres e os desfavorecidos, criando diversas situações que não correspondem ao Evangelho. Por isso, todo cristão, juntamente com a Igreja deve “assumir uma posição corajosa ao lado da justiça e da compaixão em favor de todos aqueles e aquelas que se transformaram em vítimas desse processo”.<sup>184</sup>

É claro que no aspecto econômico mundial, dividir e partilhar tudo não é viável para nenhuma economia atual, mas redistribuir as riquezas com justiça sempre foi uma invocação ao longo da história. De fato, é impossível retratar a organização econômica das primeiras comunidades, mas sabe-se que davam conforme suas possibilidades e cada um recebia conforme a necessidade não tendo necessitados entre eles.<sup>185</sup> Conforme Fabris, é isto que a Igreja assume, através da sua doutrina social, ela sempre buscará e defenderá a substituição da lógica proprietária e patronal pela participação e solidariedade.<sup>186</sup>

A partilha e solidariedade são uns dos principais sentidos para a contribuição dos cristãos através da oferta do dízimo na vida da comunidade. Na comunidade primitiva a comunhão de bens, ou seja, a partilha, não era imposta pelos apóstolos, mas expressão natural do amor a Cristo e aos irmãos. Enquanto para Israel era uma obrigação religiosa, a partilha de bens dos cristãos era manifestação autêntica e espontânea da fé.<sup>187</sup>

Através destas ofertas espontâneas, que são comunhão e participação, arrecada-se os recursos necessários para a administração da comunidade. O administrador deste recurso deve prover não somente para a manutenção, construções e salários, mas principalmente aplicá-los nas atividades evangelizadoras e pastorais, por exemplo, a promoção dos pobres.<sup>188</sup>

Há muitas paróquias que já avançaram na organização e compreensão correta do dízimo, outras ainda caminham para conquistar a implantação do dízimo com seu sentido comunitário. Os bispos do Brasil orientam que se evite o sentido de taxa ou mensalidade e a ideia de retribuição, segundo a qual é preciso doar para receber a bênção. Solicitam também que se tomem os cuidados necessários para não

---

<sup>184</sup> FUELLENBACH, 2006, p. 256.

<sup>185</sup> RICHARD, 1999, p. 47.

<sup>186</sup> FABRIS, 1991, p.76.

<sup>187</sup> CNBB, 2014, p. 19; Doc. 100, 84.

<sup>188</sup> ALMEIDA, 2009, p. 85.

ocorrerem exageros nas campanhas de conscientização que muitas vezes causam reação negativa as pessoas da comunidade eclesial.<sup>189</sup>

Compreende-se que a comunhão fraterna é manifesta através da partilha de bens, da oferta do dízimo como participação e solidariedade na vida comunitária. Por outro lado, a exemplo da primeira comunidade cristã, há uma atitude de comunhão fraterna de forma mais imediata. Trata-se da acolhida de todas as pessoas, juntamente com a solidariedade prestada às viúvas, mulheres e pobres, relatadas no livro dos *Atos*. Acolher foi um dos gestos mais marcantes da vida de Jesus em meio ao povo excluído:

Jesus preocupa-se também com os não-judeus, rompe as barreiras tradicionais, abre-se para os samaritanos, que são tidos como hereges, e para os romanos, que são os opressores. Jesus não se solidariza com o sistema religioso e procura os pecadores, isto é, os excomungados da comunidade religiosa, mais do que os representantes oficiais da religião de Israel.<sup>190</sup>

Este é o convite para os cristãos deste tempo, na comunidade em que estão inseridos possam sair de si mesmos para praticarem a acolhida e o amor fraterno ao outro, ao diferente, ao marginalizado. As comunidades estão inseridas num mundo fortemente marcado pelas guerras e violências, muitas vezes ferido pelo individualismo que divide as pessoas e as coloca umas contra as outras. Por isso, o Papa Francisco faz uma bela convocação a toda a Igreja:

Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais.<sup>191</sup>

O verdadeiro Cristianismo está no serviço ao próximo. Por consequência, “a autenticidade do Evangelho está no efeito produzido:

---

<sup>189</sup> CNBB, 2014, p. 51; Doc. 100, 288.

<sup>190</sup> COMBLIN, 1996. p.86.

<sup>191</sup> FRANCISCO, 2014, p. 83; EG 99.

nos serviços que produz. Se produz uma vida de serviço, foi autêntico. Se não produzir, não foi autêntico”.<sup>192</sup>

Amar para Jesus é antes de tudo reconhecer o outro, o diferente, pois “a descoberta do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, dom salvífico para toda humanidade, não acontece sem a mediação dos outros”.<sup>193</sup> Entre os primeiros cristãos reconhecer a dignidade do outro foi fundamental, de modo que aos judeus o outro se apresentou como pagão, o outro do homem era a mulher, o outro dos senhores eram os escravos. Ainda hoje os contrastes, diferenças são encontradas nas comunidades, por isso, o desafio permanece de forma que:

O amor de Jesus personaliza, situa primeiro na sua frente o outro tal qual é. O outro será a pessoa que não é da família, que não é da mesma tribo, da mesma língua, da mesma raça, da mesma cultura. O outro é a pessoa que não é, sobretudo, da mesma religião.<sup>194</sup>

A comunhão fraterna é expressão do amor cristão. Amar não apenas como reconhecimento, mas também de ajuda e serviço, é principalmente abrir mão de privilégios e exclusivismos, é acolher o outro naquilo que ele é e mais precisa de atenção. Muitas vezes os cristãos e cristãs arredios à vida comunitária, na verdade procuram comunidades cristãs que os acolham fraternalmente, desejam sentir-se valorizados, vistos e inclusos na comunidade eclesial.<sup>195</sup>

Por este motivo, o verdadeiro cristão está aberto à caridade de modo que ao relacionar-se com o próximo, constrói-se uma verdadeira relação de amizade e comunhão. As diferenças que existem, e sempre vão existir entre os filhos e filhas de Deus, são um convite a prática do respeito mútuo que leva ao encontro, diálogo, partilha, intercâmbio da vida e solidariedade.<sup>196</sup>

Estas características, originadas pelo encontro com Jesus, são aspectos centrais da comunidade cristã, de forma a distingui-la da comunidade natural, baseada no sangue, parentesco, identidade cultural

---

<sup>192</sup> COMBLIN, 1999, p. 31.

<sup>193</sup> CNBB, 2015, p. 19; Doc. 102, 9.

<sup>194</sup> COMBLIN, 1996, p. 86.

<sup>195</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, p. 107; Dap. 226.

<sup>196</sup> CNBB, 2015, p. 20; Doc. 102, 11.

ou nacionalidade. Não se nasce cristão, nem se é cristão pelo que faz ou por opção radicada em força própria. Torna-se cristão pela graça de Deus acolhida no mais íntimo do coração.<sup>197</sup>

Diante de uma sociedade marcada por experiências subjetivas, voltadas a projetos pessoais, egocêntricos e individualistas, deve-se buscar uma experiência autêntica, definitiva e marcante com aquele que dá sentido real à existência, Jesus Cristo. Essa experiência profunda é a comunhão fraterna que marcou a Igreja cristã desde seu início e se apresenta sempre com valor essencial para as comunidades de todos os tempos.

De maneira geral, as comunidades cristãs são formadas por leigos e leigas que voluntariamente dedicam-se a evangelização. Através das diversas pastorais fazem do serviço a Igreja e ao próximo a experiência do sair de si mesmas atuando como catequistas, ministros da Palavra, das exéquias, na pastoral da criança, na pastoral social entre outros, gerando fraternidade e comunhão entre irmãos e principalmente em unidade com Jesus.

No Brasil, diante da sociedade fragilizada, busca-se manter este espírito fraterno e comunitário através das Campanhas da Fraternidade. Ao ler as Escrituras fica evidente que a proposta do Evangelho não consiste somente em uma relação pessoal com Deus, mas abre-se ao outro, uma abertura para transformação social.

Deste modo, despertar os fiéis para a solidariedade em relação a um problema concreto é o principal objetivo das campanhas realizadas nas Igrejas do Brasil, é o Reino anunciado e voltado para a vida das pessoas que em comunhão buscam soluções e apontam caminhos. Afirma o Papa Francisco que “na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos”,<sup>198</sup> por isso, o anúncio e a experiência cristã devem provocar consequências sociais na vida comunitária.

No contexto da Igreja nascente aprofundou-se a ideia de fraternidade cristã, de tal forma que os cristãos sentiam-se responsáveis uns pelos outros, unindo-se no auxílio aos necessitados, as viúvas, presos, órfãos e idosos. As Campanhas da Fraternidade, a seu modo, retomam este aspecto ao abordar de forma ecumênica temas

---

<sup>197</sup> CATÃO, 2009, p. 121-122.

<sup>198</sup> FRANCISCO, 2014, p. 149; EG 180.

importantes para o cuidado humano que promovam a dignidade e a santificação de toda a sociedade brasileira.<sup>199</sup>

Portanto, as comunidades devem buscar aperfeiçoar sua evangelização pautando-se nos valores abraçados e difundidos pelas primeiras comunidades. Somente assim tornarão presente a Igreja alegre, livre, positiva, esperançosa, ousada e inovadora que tem em Jesus Cristo sua fonte inspiradora. Dessa forma, despontará a verdadeira comunidade cristã, não fechada sobre si mesma, mas que pela oração, escuta da Palavra, ensino dos apóstolos, caridade fraterna e fração do pão, alcançará sentido pleno no testemunho da Palavra.

---

<sup>199</sup> CNBB, 2014, p. 23; Doc. 100, 108.





## CONSIDERAÇÕES

O livro dos *Atos dos Apóstolos* apresenta muitas contribuições para a Igreja de hoje, principalmente no sumário que descreve a primeira comunidade cristã, a Igreja de Jerusalém. Lucas é um autor bíblico com inclinações utópicas, seus sumários ou breves resumos foram fonte de tantas iniciativas e de muitos projetos ao longo da história.

Nesta pesquisa, abordou-se o sumário a respeito da comunidade de Jerusalém, que assim como toda a Sagrada Escritura, está à disposição do povo cristão para inspirar a ação pastoral das comunidades, seguindo o exemplo sólido e eficaz da comunidade primitiva, promove-se uma ação evangelizadora mais proveitosa.

Na perícopé analisada, *Atos 2, 42-47*, destacou-se a intenção do autor em apresentar um projeto de comunidade ideal para aqueles que primeiro ouviram o anúncio dos apóstolos, converteram-se e após o batismo precisaram saber como deveriam viver. Através deste sumário foi possível demonstrar a experiência comunitária dos primeiros cristãos de modo a inspirar a prática cristã atual.

A Igreja nascente, em meio ao contexto político diverso, a economia marcada pela exclusão, a religião e seus diversos conflitos, recebe a missão de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, iniciado em Jerusalém, partindo para a Judeia e Samaria e se expandindo por todo Império Romano. Para isso, inseriu-se num contexto social pré-existente, cultural e socialmente definido, mas ao mesmo tempo superou esta estrutura, pela adesão à fé em Jesus e à ação norteadas pelos seus ensinamentos.

Tal missão foi desenvolvida em uma sociedade urbana marcada pela hierarquização e exclusão. Nela os cristãos destacam-se por ações de solidariedade e partilha, buscando dignidade a todas as pessoas, motivando o auxílio dos mais ricos aos pobres, por fim, combatendo diversas questões que distanciavam a vivência cristã e dificultavam a evangelização em Jerusalém.

A comunidade atual, salvaguardados os detalhes, encontra-se em um momento com desafios semelhantes ao da Igreja primitiva. A sociedade situa-se em meio a uma nova cultura, é um novo povo e uma nova realidade, com tudo isso, é mais que necessário abrir-se à renovação, novas tendências e novas formas de ser comunidade eclesial. Contudo, não significa mudança dos valores fundamentais, eles são pilares mestres, intransferíveis, mas que precisam ser revigorados, apresentados de forma mais profunda e convincente.

Em meio a sociedade marcada pela diversidade religiosa, pelo subjetivismo e o individualismo, a Igreja pode adaptar-se aos desafios da mudança de época, na busca de firmar sua identidade cristã. Afinal, cada comunidade é única, inculturada, como modos diferentes de ser e agir, mas sua força tem origem no essencial que as une: a fé em Jesus como a dos primeiros cristãos.

Esta fé cristã é expressada na comunhão fraterna entre seus membros, na celebração da Eucaristia, na escuta da Palavra e nas orações. São estes os valores que impulsionaram a evangelização e o anúncio do Evangelho entre os primeiros crentes e que retomados inspiram a nova evangelização.

A vida de uma comunidade orante e evangélica é marcada pela comunhão fraterna e o serviço desde as primeiras comunidades na qual os cristãos tinham tudo em comum. De fato, a *Koinonia* é a mais clara expressão da comunhão com o mistério de um Deus que não é solidão, mas se faz família junto ao ser humano. Os *Atos dos Apóstolos* apresentam a Igreja como comunhão de amor, materializada na comunhão com os irmãos e na partilha dos bens.

Esta comunhão espiritual é retomada através da acolhida e amor fraterno que se estende ao próximo. Trata-se do abrir-se ao diferente, acolhendo principalmente os mais pobres, marginalizados e excluídos. Neste aspecto desenvolve papel importante a ação social das comunidades através da assistência aos famintos, às crianças, aos idosos na acolhida aos migrantes e a todos os necessitados. Também a partilha dos bens materiais é uma forma de colocar-se em comunhão com a comunidade e os irmãos. O dízimo e as ofertas são expressões de agradecimento e através destas contribuições é possível a manutenção do espaço sagrado, sustento do sacerdote e das diversas atividades pastorais da comunidade, tais como a catequese, liturgia e formações.

De suma importância é a vida comunitária, pois a comunidade reunida é sempre espaço propício para a escuta e o discernimento da Palavra de Deus. Ela continua se revelando e se manifestando à humanidade, dirigindo-se às pessoas, às comunidades e povos. Assim foi para Israel e continua hoje, é presença viva na comunidade de fé.

Por isso, a experiência comunitária, quando realizada de forma evangélica, isto é, vivida a exemplo das primeiras comunidades, conduz os homens e as mulheres a empenhar-se na fraternidade e união, estendendo-se a todas as suas atividades. Este é o principal desejo dos bispos do Brasil ao realizarem as Campanhas da Fraternidade, por ela buscam unir os cristãos para a discussão e reflexão de determinados temas da atualidade, de forma que possam contribuir para um mundo

mais fraterno e em comunhão com a proposta evangélica de Jesus de Nazaré.

Do encontro com o Cristo surge um novo espírito na comunidade, marcada pela acolhida existencial e prática de valores herdados da pregação de Jesus e transmitidos pelos seus discípulos e discípulas. Esta vida refletirá na ação litúrgica da comunidade principalmente na celebração da Eucaristia, pois nela está a força e alimento espiritual de todos os seus membros sendo fonte de renovação e unidade.

Junto à Eucaristia e às orações da comunidade encontra-se a pastoral profética, o testemunho e a catequese. Na verdade, o testemunho deve anteceder a todas estas ações, pois a revelação do ser cristão através de sua conversão é manifestada em suas ações cotidianas. O anúncio da Palavra de Deus necessariamente leva à conversão e entrega pessoal pelo Reino, de maneira que a liturgia celebrada é levada para a liturgia da vida.

A espiritualização da paróquia ressaltará a importância da oração em comunidade e da celebração de fé em torno da Eucaristia como caminho para a renovação eclesial e a fecundidade da nova evangelização. Desta forma, as comunidades pautem sua vida, espiritualidade e missão nos ensinamentos dos primeiros cristãos, tendo como base a comunhão fraterna, o discernimento, o compromisso e a escuta da Palavra de Deus.

A ação conjunta da Palavra e do Espírito na vida dos apóstolos e primeiros crentes, destacada nas narrativas do livro de *Atos*, é também a exortação do magistério da Igreja para todo o povo de Deus através dos documentos e diretrizes. Por isso, é importante o retorno às fontes, encontrando nas Sagradas Escrituras o caminho seguro, pois Jesus é a Palavra manifestada, Palavra proclamada e anunciada, de modo que, a Palavra de Deus manifestou-se em seu ser e agir.

Assim, a base de toda espiritualidade cristã autêntica e viva é a Palavra de Deus anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja. Pois a Palavra entra na vida das pessoas com tal força a ponto de provocar conversão pessoal, comunitária e social. A comunidade cristã pode buscar ser mais atenta à escuta do Senhor em sua Palavra, profética em seu anúncio e misericordiosa no serviço, principalmente aos mais necessitados.

A redescoberta do valor da Palavra nos dias atuais dá-se através da leitura orante individual e comunitária, da catequese e também pelos grupos bíblicos de reflexão que promovem a oração e partilha entre famílias no ambiente doméstico. Este encontro com Cristo nas Sagradas

Escrituras é uma verdadeira relação com Deus ao ponto de modificar as escolhas e ações do ser humano. Isto porque buscar maior intimidade com o Senhor através dos Escritos Sagrados significa conhecer e aprender, aprofundando-se na oração e a partir disso a partilhar e refletir a própria vida em comunidade.

A Palavra comunica aquilo que Deus quer dizer, o ser humano disponível às Sagradas Escrituras deve testemunhá-las através do serviço aos mais próximos. É o testemunho que dará credibilidade à Palavra. Este é o ponto em que os cristãos devem empenhar mais esforços, de forma que a Palavra se faça viva entre o povo de Deus e não se torne apenas uma ideia ou filosofia.

Testemunhar a Palavra antes de ensiná-la foi essencial para que a evangelização dos seguidores e seguidoras de Jesus fosse eficaz. Atualmente o principal responsável pelo anúncio da Boa-nova, mas não somente, é o sacerdote, ele é o primeiro evangelizador. Desta forma, padre e demais evangelizadores são convocados a zelar pela Palavra, principalmente sua atualização na vida da comunidade, dedicando especial atenção as pregações e homilias.

Atualmente existem muitas pessoas que ainda não conhecem a Boa Nova, como também muitos cristãos que necessitam encontrar, de forma mais convincente, o anúncio da Palavra de Deus e o testemunho da Boa Nova comunidade, para experimentarem de forma verdadeira a força da Palavra de Deus na vida da humanidade. Desse modo, através da Palavra, do anúncio, da comunhão e do testemunho, Deus chama todos os homens e mulheres ao Seu encontro. Jesus dirigiu-se aos primeiros discípulos e discípulas e os convida a segui-lo no hoje da história, tempo de graça marcado por seus valores evangélicos.

Cada época depara com desafios próprios que necessitam de ações concretas. A Igreja busca responder dentro de suas condições e diante dos valores culturais do tempo em que está inserida, por isso, as experiências dos primeiros cristãos contribuem para que a espiritualidade e vida das comunidades possam estar mais próximas daquilo que é o desejo de Deus. Há um único modelo que deve ser seguido, o do Senhor Jesus Cristo. Os valores assumidos pelas primeiras comunidades não serão superados jamais, porém, devem ser retomados e fortalecidos de um novo jeito, respondendo aos desafios de seu tempo.

Diante disso, ao descrever o contexto do livro dos *Atos dos Apóstolos* identificando na pequena perícopes estudada as características cristãs fundamentais, de forma alguma se esgotou o assunto, ainda há muito para ser redescoberto nas comunidades primitivas. Portanto, esta

pesquisa não oferece um modelo único de comunidade cristã, mas apontou elementos e critérios fundamentais para a vivência comunitária da fé cristã nas comunidades atuais.

Assim, ressalta-se a importância de retomar as características das primeiras comunidades, proposta por Lucas, para que a Igreja e toda pessoa cristã possa testemunhar uma fé viva e adulta. De modo que a fé seja manifestada e penetre na vida de todos os fiéis, através da justiça e do amor, contribuindo para uma vida mais fraterna em comunidade.

Enfim, considerando todos estes apontamentos, foi demonstrado através desta pesquisa que os cristãos são chamados a buscar inspiração na ação da Igreja primitiva, tendo um conhecimento da prática cristã da comunidade ideal apresentada por Lucas. Toda comunidade, em qualquer tempo e cultura, que pretenda ser discípula de Jesus deve retomar, a partir dos ensinamentos dos apóstolos, a vivência da comunhão fraterna, orações, Eucaristia e partilha a fim de fortalecer-se na caminhada de fé e de anúncio da Boa Nova, fazendo-a alcançar, enfim, os confins da terra.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio J. **Paróquia, comunidades e pastoral urbana**. São Paulo: Paulinas, 2009.

ARBIOL, Carlos G. **Paulo na origem do Cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

ARENS, Eduardo. **Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005.

AUNEAU, Joseph. et al. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica *Verbum Domini***. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, Valência: Siquem, 2011.

BROWN. Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade Cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2009.

CHAMPLIN, Norman R. **O novo testamento interpretado: versículo por versículo. Atos e Romanos**. São Paulo: Milenium, 1982.

COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1988. Vol. I: 1-12.

\_\_\_\_\_. **Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de libertação**. São Paulo: Paulus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965, não paginado. Vaticano. **Constituição Dogmática *Dei Verbum***. 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651118\\_dei-verbun\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbun_po.html)>. Acesso em: 28 jun. 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de comunidades**: uma nova paróquia. São Paulo: CNBB, 2014. (Documento 100).

\_\_\_\_\_. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2015. (Documento 102).

\_\_\_\_\_. Discípulos e servidores da palavra de Deus na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2012. (Documento 97).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 2. ed. Brasília: CNBB et. Al. 2007.

DILLON, Richard. Atos dos Apóstolos. In: BROWN, Raymond (Org.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2018.

FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991.

FRANCISCO. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2014.

FUELLENBACH, Jonh. **Igreja**: comunidade para o reino. São Paulo: Paulinas, 2006.

GASS, Ildo B. **Uma introdução a Bíblia**: as comunidades cristãs da primeira geração. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005b. Vol. 7.



\_\_\_\_\_. **Uma introdução à Bíblia:** as comunidades cristãs a partir da segunda geração. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005a. Vol. 8.

GOMES, Paulo S.; OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento interlinear analítico Grego-Português:** texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

HAMMAN, A.-G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197).** São Paulo: Paulus, 1997.

KUMMEL, Werner G. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 1982.

LOHSE, Eduardo. **Contexto e ambiente do Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2000.

MAINVILLE, Odette. **Escritos e ambiente do Novo Testamento:** uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARGUERAT, Daniel. **A primeira história do Cristianismo:** os Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola, 2003.

MOSCONI, Luis. **Atos dos Apóstolos:** como ser igreja no início do terceiro milênio? 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

PAULO VI. **Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*.** Vaticano: 1978. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pauli/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/pauli/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html)>. Acesso em: 25 abr. 2019.

REINERT, João F. **Pode hoje a paróquia ser uma comunidade eclesial?** Repensando a paróquia em diálogo com a religiosidade pós-moderna. Petrópolis: Vozes, 2010.

RICHARD, Pablo. **O movimento de Jesus depois da ressurreição:** uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999.

SAOÛT, Yves. **Atos dos Apóstolos:** ação libertadora. São Paulo: Paulinas, 1991.

STEGEMANN, Ekkerhard W.; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo**: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

STORNILO, I. **Como ler os Atos dos Apóstolos**: o caminho do Evangelho. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

## ΑΠÊNDICE A – Quadro 2

Quadro 2: Texto em grego da perícopê *Atos 2, 42-47* e sua tradução literária.

<p>ησαν δε προσκατεροντες τη διδαχη των estavam e perseverando na doutrina dos apóstolos</p>
<p>και τη κοινωνια τη κλασει του αρτου και ταις προσευχαις. e na comunhão no partir do pão e nas oraçōes.</p>
<p>εγενετο δε παση ψυχη φοβος πολλα τε τερατα και σημεια havia e em cada alma temor muitos e prodígios e sinais</p>
<p>δια των αποστολων εγινετο por meio de os apóstolos eram feitos.</p>
<p>παντες δε οι πιστευοντες ησαν επι το αυτο todos e os que criam estavam no mesmo (lugar)</p>
<p>αι ειχον απαντα κοινα και τα κτηματα e tinham tudo (em) comum e as propriedades</p>
<p>και τας υπαρξεις επιπρασκον και διεμεριζον αυτα e os bens vendiam e distribuίam os mesmos</p>
<p>πασιν καθοτι αν τις χρειαν ειχεν; entre todos conforme alguém necessidade tinha;</p>
<p>καθ ημεραν τε προσκατεροντες ομοθυμαδον εν τω ιερω cada dia e perseverando unânimes em o templo</p>
<p>κλωντε τε κατ οικον αρτον μετελαμβανον τροφης εν partindo e em casa pão recebendo alimento com</p>
<p>αγαλλιασει και αφελοτητι καρδιας, αιουντες alegria e simplicidade de coraçō, louvando</p>
<p>τον θεον και εχοντες χαριν προς ολον τον λαον. a Deus e tendo favor junto a todo o povo.</p>

<p>ο δε κυριος προσετιθει τους σωζομενους καθ  ο e Senhor acrescentava os que iam sendo salvos cada</p>
<p>ημεραν επι τό αυτό  dia em o mesmo (lugar).</p>

Fonte: GOMES, Paulo S.; OLIVETTI, Odayr. **Novo Testamento interlinear analítico Grego-Português**: texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 445-446.

